

BÁRBARAS

#3

SETEMBRO DE 2019 | ANO 2



*Aonde
chegamos*

Carta às leitoras

O ano de 2019 foi de amadurecimento para a Bárbaras. Enquanto absorvíamos o lançamento dos dois últimos números, outros desafios surgiram. Estivemos atentas e fortes, nem sempre em tempo integral. Esperamos que o número #3 deste projeto desperte inspiração e força a outras bárbaras mundo afora.

Em ano de Copa do Mundo de Futebol Feminino, um marco: pela primeira vez, os jogos da seleção brasileira foram transmitidos em rede nacional, quebrando recordes de audiência. Além disso, a atacante Marta tornou-se recordista universal de gols marcados em copas do mundo.

Para comemorar, nossa capa traz a ilustração assinada por Andréa Sobreira retratando mulheres nesse esporte, tema da reportagem de Aline Fiuza. Ela conversou com o time de futebol feminino de Juazeiro do Norte e ouviu relatos sobre o machismo, além de cobranças por mais igualdade dentro e fora de campo.

De Várzea Alegre (CE), Aline também narra a história de três irmãs que revolucionaram a economia da própria terra através da arte do crochê. Trajetórias instigantes de grande dedicação.

Carla Cristina luta por sua dignidade no país que mais mata pessoas transexuais. Ela reconhece que, de todos os lados, há fatores que tentam apagar sua identidade. Mesmo assim, foi no Crato, junta a avó, onde encontrou aconchego e amor.

Aos 68 anos, a faxineira escolar, Maria Félix da Rocha, chega mais perto do sonho de concluir a graduação em Recursos Humanos. Ela acredita que aprender é um processo contínuo e nunca deseja parar.

Mundinha Freitas só aprendeu a assinar o próprio nome aos doze anos. Hoje, aos 80, ela possui seu próprio livro de poesias. À Bárbaras, a artista abre seu coração sertanejo, poeta e resistente.

Do canto do olho apertado e sorriso ora tímido, ora largo, Fatinha Gomes canta e encanta.

Para a repórter Jayne Machado, ela contou sua trajetória desde a infância para ocupar o espaço musical do Cariri.

As colaboradoras Gisa Carvalho e Lara Alencar trazem a resistência de mulheres em busca do seu lugar na poesia. Seja no cordel ou no slam, elas não aceitam a invisibilidade imposta pelo machismo e a misoginia.

O desejo à vida e o direito sobre o próprio corpo é narrado a partir de pesquisas e memórias ancestrais. Luciana de Medeiros fala das condições impostas a mulheres indígenas na Chapada do Araripe. Maria Clara Arraes narra os confrontos feministas e moralistas em torno da lei da esterilização feminina.

Ao sofrer um acidente de trânsito, a palavra superação ganhou um significado mais forte na vida de Edilânia Freitas. Conheça a paratleta de Acopiara (CE) que já coleciona 44 medalhas.

Na Bárbaras, o amor de mãe é ilustrado com a história de Camila Duarte e seu filho Luan. Apesar de temer a LGBTfobia, Camila mostra que a melhor arma é o amor. Já Terezinha Caminha, 82 anos, relata as dores e alegrias de sua trajetória como mãe.

Na coluna de opinião, a fisioterapeuta Carolina Macêdo analisa a importância da escuta no atendimento à mulher. As pacientes devem receber, de forma completa e descomplicada, informações pertinentes aos seus direitos no âmbito da saúde.

Para encerrar, a edição traz a história da mulher e a cerveja. Do caldeirão da bruxa - na Idade Média - às atuais confrarias, a cerveja é sinônimo de ruptura para elas.

Um brinde à liberdade feminina! Boa leitura.

Laura Brasil

Expediente

Reportagem

Aline Fiuza
Bibiana Belisário
B. de Oliveira
Jayne Machado
Julita Agapto
Laura Brasil
Natália Alves

Colaboração

Bárbara de Alencar
Carolina Macêdo
Claudiana Pinho Mourato
Gisa Carvalho
Lara Alencar
Luciana de Medeiros
Maria Clara Arraes

Professor orientador

José Anderson Sandes

Projeto gráfico

Hanna França Menezes

Diagramação

Paulo Anaximandro Tavares

Revisão

José Anderson Sandes
Laura Brasil

Ilustrações

Alice Carvalho
Andréa Sobreira
Ellen Brasil
Julia Marques
Lua
Luana Rios

Agradecimentos

André Costa
Helene Santos
Lino Fly

Edição 3

Juazeiro do Norte, Setembro 2019

Revista experimental do projeto “Bárbaras” vinculado à
Pró-Reitoria de Cultura e à Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Cariri

Sumário





Não sou um senhor, sou senhora

Página 6

Hoje é dia de Maria alcançar seus sonhos

Página 12

Fisioterapia e saúde da mulher

Página 16

Entre Pará e Ceará: Terezinha Caminha

Página 18

**Slam como lugar de voz da literatura
feminina: Gritei, falei e rimei**

Página 24

**Nesses tempos de ódio é bom andar
amado**

Página 28

**Mulheres em campo: Seleção Feminina de
Futebol de Juazeiro do Norte**

Página 30

O desejo à vida, a dente de cachorro

Página 38

O não se entregar de Mundinha Freitas

Página 40

A menina canta, encanta e resiste

Página 44

Pequenos corpos, corações gigantes

Página 48

**Aceito, mas não me rendo: A filosofia de
Edilânia**

Página 54

**Cirurgia de laqueadura versus autonomia
feminina sobre o corpo**

Página 56


**Muitas e diversas: Mulheres na história da
poesia de cordel**

Página 62

**Mulheres e cervejas: Liberdade sobre a
mesa**

Página 66



A woman with blonde hair is sitting on a bench in a park. In the foreground, there is a large black quilted bag. The background shows a park with greenery and a paved area.

Não sou um senhor, **sou senhora**

Sob a sombra de uma grande árvore na Praça da Sé, em Crato, a mulher sentada a minha frente tem cabelos loiros e médios, um visual impecável. Chama-se Carla Cristina, tem 38 anos, e sorri de forma descontraída, com uma leveza que não entrega quão difícil tem sido a sua luta desde muito cedo.

TEXTO | B. de Oliveira

FOTOS | Jayne Machado

Antes de começar a contar sua história, de modo repentino, desmanchando por alguns breves segundos o sorriso, é Carla quem faz a primeira pergunta da nossa conversa: “É verdade que o Bolsonaro vai fechar a faculdade federal?”. Há angústia e uma preocupação sincera em sua voz. O nome do presidente volta a ser mencionado várias vezes nos minutos seguintes, sempre com sentimentos indigestos ao ser pronunciado.

Naturalmente, não existe um grande segredo quanto ao que motiva esse desconforto. Carla é uma mulher trans. O Brasil é o país que lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas transexuais, segundo dados da ONG Transgender Europe. E segundo ela, o contexto político atual não traz conforto.

“Eu sou uma mulher”

Aos 7 anos, em 1988, Carla deixou a sua cidade natal, Juazeiro do Norte, e foi morar em Guarulhos (SP). Ela conta que sabia desde muito cedo que não era como as outras crianças. Sentia-se deslocada por não ter amigos em São Paulo e sempre sofreu com o preconceito por sua feminilidade, traço com o qual simplesmente nasceu e, desde a infância, sempre foi perceptível.

As piadas, as agressões – psicológicas e físicas –, a impediram de continuar os estudos ainda no ensino fundamental. “Só fiz até a sétima série e voltei a estudar agora. Na época que eu queria não consegui, porque mexiam muito comigo”, completa.

Hoje, ao voltar a estudar, as dificuldades em sala de aula não desapareceram. “No primeiro dia de aula, teve um rapaz que não queria estudar na mesma sala que eu porque sou trans. Foi falar que ia mudar de escola porque eu estava na mesma sala que ele. Eu não gostei disso. A diretora

veio me dizer para não sentar perto dele, para não encarar ele, mas a culpa não é minha – eu nem conheço ele”.

Carla diz que por vezes não entende se é por deboche, por maldade ou pura ignorância. As pessoas não a tratam como mulher, não respeitam os pronomes e, principalmente, não aceitam algo que já é uma conquista judicial: o seu nome.

“Tratam a gente como ‘ele’, e eu acho isso muito feio. Eu estou toda feminina e eles me chamam de ‘senhor’... É um desrespeito e eu fico sem jeito de chamar atenção e dizer: não sou um senhor, sou senhora! Fico chateada. Já troquei os documentos, meu nome é Carla Cristina Coutinho Leite no RG, CPF, título de eleitor e certidão de nascimento. Eu sou uma mulher. Perante a justiça, sou uma mulher. Isso é horrível, é horrível ser tratada como ‘ele’”.

Nesse instante, ela faz uma pausa e, com a voz branda, apenas diz que apesar disso tudo, dessa vez não há quem a faça desistir. Ela quer terminar os estudos e trabalhar, futuramente, com estética. É a minha vez de sorrir.

Roberta Close

Foi aos 15 anos que Carla assumiu a sua natureza e passou a se vestir e se portar como sempre quis. Ela conta que foi a modelo transexual Roberta Close, muito famosa nos anos 80, que a ajudou a entender quem ela realmente era. A princípio, entendia-se como um homem gay, mas ocupar esse espaço não a contemplava e não parecia estar certo. Ao ver Close na TV, percebeu que eram iguais e não se sentiu mais tão sozinha.

“Naquela época era diferente. Hoje, com o espaço que a mídia está dando para as transexuais, a mente das pessoas está abrindo, mas o preconceito ainda diminuiu pouco, muito pouco”.

Trans quer trabalhar

Foi o preconceito que fez Carla perder o emprego que tanto lutou para ter em São Paulo. Trabalhou por quatro anos no aeroporto de Guarulhos e foi demitida com explicações rasas, junto de outros funcionários também da comunidade LGBTQI.

“A dificuldade que a gente mais enfrenta é o trabalho. Mudou a empresa que prestava serviços pro aeroporto, e a nova empresa só ficou comigo um mês, me mandou embora junto com todos os gays, travestis e transexuais que trabalhavam lá. Foi por causa do preconceito que fui mandada embora, mas não dizem isso, me disseram que a empresa não precisava mais dos meus serviços.

Tratam a gente como ‘ele’, e eu acho isso muito feio. Eu estou toda feminina e eles me chamam de ‘senhor’... É um desrespeito e eu fico sem jeito de chamar atenção

Depois disso, nunca mais consegui um emprego e tive que ir me prostituir”.

Uma pesquisa da Associação Nacional de Travestis e Transexuais estima que 90% da população trans, em algum momento da vida, recorre à prostituição por não ter espaço no mercado de trabalho. Carla lutava para sair desse momento em 2004, quando deixou São Paulo, retornando ao seu berço, o Ceará.

A princípio, não tinha intenção de ficar, mas se sentiu acolhida na cidade de Crato. Na época, passava por um dos momentos mais delicados de sua vida, e confessa que já não queria viver.

A prostituição ameaçou a vida de Carla de maneiras diversas, complicou a sua saúde mental e a expôs a uma tentativa de homicídio.

“Um cara me pegou no ponto e quando chegou no motel, tentou me matar com o fio do telefone”. Senti o peso desse relato esmagando o peito. “Depois desse governo de agora, isso está pior. Eu já perdi três conhecidas, mulheres trans que foram



Eles acham que a gente só é feita para sexo, que a gente não tem família, que a gente não tem amigos, que a gente não tem sentimentos. Eles acham que a gente é um robô

assassinadas. É muito violento e eu não recomendo ninguém a se prostituir”, afirma.

Após conseguir um auxílio do governo devido à fragilidade em que se encontrava mentalmente, buscou conforto indo morar com a sua avó. Ela



Até os 15 anos, Carla não se sentia contemplada apenas como um homem gay. Ao ver Roberta Close, modelo transexual, pela TV, ela se identificou.

diz que esse dinheiro foi o que fez com ela não precisasse mais da prostituição, e que outro dos seus maiores medos atualmente é de que o presidente a prive desse benefício.

Matriarca de família

O período em que esteve longe de casa deixou marcas, lembranças indigestas, mas Carla se reencontrou. A família a aceita. A avó e a irmã adotiva vivem sob o mesmo teto e a respeitam e a validam. São pessoas que sempre fazem com que se sinta amada.

Contudo, quando falamos sobre a sua vida amorosa, ela desabafa: “A vida do transexual e do travesti é muito solitária, a gente não é vista como um ser humano, como uma mulher comum. Eles acham que a gente só é feita para sexo, que a gente não tem família, que a gente não tem amigos, que a gente não tem sentimentos. Eles acham que a gente é um robô. Acham que a gente é um pedaço de carne”. Na maioria das vezes, ela diz que os homens que a procuram já são casados, e que ninguém assume que ela também quer casar.

Como qualquer ser humano, Carla tem anseios de ser amada pelo que é em essência. De ser vista além do seu corpo. E, com esperança, o seu maior sonho é: “Depois de terminar o segundo grau: casar, ter filhos e ser a matriarca de uma família”.

Redesignação sexual

Quatro anos depois de sua chegada, em 2008, o Serviço Único de Saúde (SUS) passou a realizar o que para ela é a sua maior meta: a cirurgia de redesignação sexual. Hoje, em 2019, a espera continua. O contexto político a assombra com outro medo: ela também teme que o atual governo faça com que a sua espera tenha sido em vão. “Quando eu era mais nova, eu achava que não seria possível fazer a cirurgia porque não tinha condições financeiras. Quando surgiu pelo SUS, eu pensei “agora é a minha vez, é a minha oportunidade de me sentir totalmente mulher”. Eu me sinto mulher e sou mulher, mas não totalmente porque não gosto do meu pênis. Tenho medo que Bolsonaro corte essa verba e eu nunca consiga fazer a minha cirurgia”, confessa.

No Brasil, apenas três lugares fazem a cirurgia pelo SUS: São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Desde 2009, ela viaja periodicamente a Porto Alegre (RS). Faz parte do processo. Exames periódicos e acompanhamento psicológico. A cirurgia não é nada simples. Oferece riscos, e mesmo quando bem-sucedida, é um processo doloroso.

Carla tem medo, principalmente no Brasil, onde o descaso ainda é imenso. “Teve uma ami-


ga que fez a cirurgia recentemente e a vagina dela não ficou funcional, ficou com 3 cm. Foi um erro do médico. Eu fico com medo. Medo de acontecer alguma coisa, de alguma coisa dar errado... Mas eu continuo fazendo o tratamento. Porque é o que eu quero. Mesmo que a minha vagina não fique funcional... eu quero”.

Um novo tempo há de vencer

Numa parte da conversa, tudo o que eu queria era abraçá-la. Decidi que deveríamos parar. Perguntei se ela imagina que futuramente será melhor viver no Brasil e o nosso papo voltou para onde começou. “Sim, se as escolas ensinarem as crianças que existem pessoas trans e gays, e que essas pessoas são pessoas normais e iguais a elas, que elas também têm direito de viver, de namorar, de casar, de ter filhos, de ter respeito”, afirma Carla Cristina, esperançosa. E, por fim, ela conta que não pretende ir embora do Brasil apesar de todo o preconceito que enfrenta, tampouco do Crato. Não quer sair de perto de sua avó – juntando as mãos em sinal de oração –, sussurra pedindo que ela viva até os cem anos. E diz, com uma voz terna, que aquece como um abraço, que foi Crato a cidade onde se sentiu mais acolhida. ☺

Carla não pretende sair do país, muito menos do Crato. Seu grande sonho é ser a matriarca de uma família.





Hoje é dia de Maria
alcançar seus sonhos

TEXTO E FOTOS | Natália Alves

“Era um sonho concluir os estudos, eu achei que tinha caminhado e quebrado o meu caminho”. É assim que Maria Félix da Rocha – Dona Maria, assim chamada por amigos e familiares – começa falando sobre sua caminhada rumo à graduação. Ainda muito jovem, teve de interromper os estudos, mas, aos 68 anos, ela é exemplo vivo de que para alcançar um sonho nunca é tarde demais.



Natural de Milagres (CE) e de família humilde, desde cedo, Maria teve de lutar para conseguir estudar. Coursou o ensino fundamental em sua cidade natal, mas por falta de oportunidade interrompeu os estudos. “Fiz o ensino fundamental e quando ia pro ensino médio tive que parar. Era muito difícil naquela época, morava no sítio e só quem conseguia continuar estudando era quem tinha dinheiro e tempo”.

Apesar disso, ela ainda tinha na mente e no coração a vontade de concluir o que começara e, aos 28 anos, casada e com seu primeiro filho, mudou-se para Juazeiro do Norte. Assim teve início sua caminhada rumo à graduação... “Concluí o ensino médio em aulas que tinham no Sesi [Serviço Social da Indústria]. Eram 18 meses pra gente concluir, todo dia estando lá, estudando, até conseguir o diploma. Em 2004, a gente terminou. Parei de estudar, mas a professora sempre incentivava que a gente estudasse e não parasse”.

E Maria não parou, fez sua primeira prova do Enem em 2014 e, novamente, em 2015. “Eu sempre via os outros fazendo o Enem e um dia chegavam lá, por isso continuei fazendo. Assistia aulas na televisão, lia os jornais que vinham fascículos sobre cada matéria, era muito rico. Quando eu tinha tempo, dava uma olhadinha, assistia os jornais quando comentavam sobre o Enem e foi aí que foi me incentivando. Quando alguém dizia que tirou uma boa nota e passou na faculdade, me dava uma animação para tentar também”, conta.

Em 2016, ela fez a prova da Bolsa Social, um programa das universidades privadas em parceria com a Prefeitura Municipal, que oferece bolsas de estudos. Assim, em 2017 conseguiu ingressar na universidade no curso de Recursos Humanos. “Quando minha filha mais nova tinha acabado de se formar em Administração, eu disse “Oh, pois já que você terminou agora eu que vou começar!”. Ela que vem me buscar na faculdade e diz: “Olhe, mãe, como o tempo é, antes a senhora que ia me buscar na escola e hoje eu que venho buscar a senhora”. Pra você ver, que nada passa em branco e que tudo retorna, sejam as coisas boas ou as coisas ruins”.

Desde sempre uma das maiores preocupações de Dona Maria era o tempo. “Eu lia naquele papel que entregam nas faculdades sobre os cursos que eram ofertados, vi o de Recursos Humanos e o tempo dele, dois anos e meio. Achei que dava pra eu alcançar com a idade que já tava, né?”, ela ri ao contar o fato. Sua outra principal preocupação era por não ter tido acesso à informação durante boa parte da sua vida, além de que, por ter uma vida corrida, tinha

Eu penso em continuar estudando, porque estudar nunca termina, né? Você aprende todos os dias

medo de não poder se dedicar como achava necessário. “Tava tudo atrasado, né? E o tempo que eu não tenho de pegar um livro e explorar”. Mas nada disso fez Dona Maria desistir do que já tinha começado e do que, dito por ela em diversos momentos, já era um sonho durante muito tempo.

Trabalhando de manhã até o fim da tarde como faxineira em uma escola, Maria vai à faculdade no período da noite e conta como é difícil conciliar o trabalho e os estudos pela falta




de tempo. Entre um serviço e outro, ela sempre buscar ler e se aprofundar naquilo que está estudando, procurando um novo incentivo para continuar. “Às vezes dá vontade de desistir, porque a minha maior dificuldade é o aprendizado, não tenho tempo de me aprofundar e isso desestimula. Quando tem alguma prova e não consigo alcançar uma nota boa, é aí que fico mais pra baixo, mas depois vem a força de novo e continuo tentando”.

Essa força vem de diversas pessoas que diariamente incentivam ela a não desistir do seu caminho. “Os colegas de sala me dizem “Dona Maria, nunca desista”, porque às vezes eu digo “Oh, eu não venho mais, vou ficar só esse semestre!”, e eles dizem “Não, a senhora não tem que desistir! Se a senhora já andou até aqui, não pode parar”, e quando vai começando um novo semestre vou criando uma nova força e vou de novo”.

Para Dona Maria, todo conhecimento adquirido ao longo da vida, ainda que pouco, a ajudou a continuar na luta pela tão sonhada graduação. “O que seria de mim se não fosse meu aprendizado antigo, né? Minhas poucas experiências, porque se não era mais

sacrifício”. Depois de já estar em caminhada na vida acadêmica, Dona Maria não pensa em parar seus estudos. “Eu pretendo fazer uma especialização, se Deus ainda me der saúde, fazer uma pós graduação. Procurar alguma área que eu realmente goste, pra que eu saia com mais bagagem, mais conhecimento. Eu penso em continuar estudando, porquê estudar nunca termina, né? Você aprende todos os dias”, destaca.

Formando-se em sua primeira graduação no ano de 2019, Maria é exemplo de que parar por alguma dificuldade ao longo da vida não é uma opção quando se tem força de vontade e um sonho em mente. “Eu acho que não se deve parar em um ensino médio, uma faculdade, porque o

dia a dia continua. O aprendizado se renova todos os dias, você tem que acompanhar, principalmente hoje que tudo além de rápido é muita novidade, muita estratégia para se aprofundar mais”. 



Fisioterapia e saúde da mulher

Em maio de 2019, o Ministério da Saúde se pronunciou contra o termo “violência obstétrica”, alegando ter um sentido inadequado, que não agrega valor e prejudica a busca do cuidado humanizado no período de gestação, parto e puerpério. Ainda segundo o órgão, tanto os profissionais da saúde quanto de outras áreas, não têm intenção de prejudicar ou causar dano às pacientes. A seguir, a fisioterapeuta e professora universitária Carolina Macêdo repudia o pronunciamento do ministério e explica que nem só as mulheres gestantes necessitam de atendimento e cuidados humanizados.

TEXTO | Carolina Macêdo

A área da Fisioterapia que está voltada para atenção à mulher foi reconhecida pelo COFFITO (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional) em 2009, pela resolução nº 372/2009. Tratando-se dos cuidados à mulher, surgem várias nuances a serem observadas e trabalhadas pelo profissional fisioterapeuta, bem como por qualquer profissional da saúde.

É interessante enxergar essa mulher não como alguém com uma doença ou mais um caso clínico a ser estudado e, quem sabe, publicado em uma grande revista, mas como alguém que tem uma personalidade, tem suas dores, história a ser contada, dúvidas, ansiosos, receios e, por fim, uma infinidade de sentimentos e valores que se agregam ao motivo que a levou àquela consulta. Atualmente, a escuta está perdendo lugar para a consulta onde pouco se escuta algo além do que a pessoa traduz como dor.

Na Fisioterapia em Saúde da Mulher, é importante que o profissional se permita a escutar aquela voz, por muitas vezes angustiada, pois as mulheres são seres que passam por constantes constrangimentos durante a convivência com outros indivíduos e, ao realizar algum esforço, podem até perder urina de maneira involuntária, fato que pode acontecer até mesmo durante o ato sexual.

Mas nessa área da Fisioterapia nós não tratamos apenas mulheres com incontinência urinária. Temos contato também com disfunções sexuais, dentre elas o vaginismo - impossibilidade de permitir penetração, mesmo a mulher estando excitada, ou ao realizar exames ginecológicos. Estas, por vezes, não lembram que na sua infância foram abusadas sexualmente, tiveram uma educação castradora, ou em algum momento de suas

vidas sofreram abusos psicológicos, e merecem uma escuta mais ativa e muito acolhimento por parte de toda a equipe profissional que a atende.

As mulheres têm direitos garantidos relacionados à sua Saúde Clínica, Reprodutiva, Sexual, Psiquiátrica, Oncológica, Preventiva e Esportiva. Neste contexto, elas devem receber, de forma simples e completa, informações pertinentes ao que agrava sua saúde, aos métodos anticoncepcionais - inclusive, quando não querem ter filhos, merecem respeito -, devem ser apoiadas quando decidem o tipo de parto que querem ter, sem julgamentos ou induções a tomar decisão que não lhe agrade.

Neste ano, o Ministério da Saúde despachou um documento no qual a expressão “violência obstétrica” deverá ser abolido dos registros oficiais por soar significado contraditório. Diante de tantas lutas e conquistas das mulheres no intuito de garantir seus direitos, esta conduta fragiliza a situação de inúmeras mulheres que vivem em situação de risco, esta conduta pode sim ser uma “desculpa formal” para alguns profissionais de saúde usarem de sua “superioridade”, e executarem ações que desrespeitem a autonomia da mulher a tomar decisão sobre o que deve ser feito no seu corpo. Tanto se lutou para as mulheres conquistarem seu empoderamento, que não se pode permitir que atitudes destas as fragilizem! ✨



Ilustração: Luana Rios



Entre Pará e Ceará

Terezinha Caminha

“Pra lá tem chovido muito?”, perguntou uma mulher que apontava para o céu de uma esquina de rua numa tarde de domingo. Já havia rodado os quatro cantos da cidade. Não há sol, chuva ou velório que a impeça de ir na casa dos seus cinco filhos e passar nas duas igrejas principais da cidade de Brejo Santo (CE). Terezinha Sidrim Caminha, de 82 anos, caminha em episódios que montam os quadrinhos de sua história.

TEXTO E FOTOS | Bibiana Belisário

Episódio #01 - A paraense em solo nordestino

Em Belém do Pará, bem na hora do casamento da viúva, quando o sol reinava no céu e a chuva lavava o chão, nascia Dona Terezinha. O cheiro era de mormaço. Bem na véspera do dia de Nossa Senhora Aparecida, 12 de outubro, sua avó preparava a mamadeira de mingau de açaí pra menina. As ruas estavam recheadas de pessoas. Era dia de festa. O Círio de Nazaré cruzava a Catedral Metropolitana até a Basílica em louvor.

“O café prestou, minha cara?”, Terezinha interrompeu a história para que afirmasse o que o aroma no ar já havia respondido. “Onde parei mesmo? Sim, daí cresci, num foi?”. Ela afirma que, aos cinco anos de idade, “Deus levou meus pais. Mamãe em setembro, de parto, e meu pai em novembro, de tristeza”, com o passar do tempo, não havia mais sentido estar lá, os irmãos nunca se faziam presentes e era muito vazio viver daquela forma.

Precisava caminhar, pois nasceu em meio a uma grande caminhada e em seu nome, carrega o verbo. Então, aos dezesseis, dezessete anos decidiu migrar para Natal (RN). “Foi doidice. Vim só, deu na cabeça”. E cá estava, em solo nordestino.

Episódio #02 - Os meninos tornaram ao colo da mãe

“Rodei, eu rodei muito”. Não se demorou na grande Natal e decidiu desbravar Fortaleza (CE). Se apaixonou pela terra, mas as capitais eram demais

pra quem já tinha corrido de Belém. Entrou pelo interior adentro buscando canto e colo, até parar na cidade de Russas (CE), na região do Baixo Jaguaribe.

“Tive dois filhos antes do casamento, um casal. Dei a menina com três anos e cinco meses e o menino com quatorze dias. Não tinha condição de criar; eu já passava fome por mim, não ia fazer isso com meus filhos”. Nesse momento, eu me peguei olhando bem em seus olhos e como num sopro pude sentir o que poderia parecer algo efêmero, por conta da rapidez das palavras pronunciadas, mas na verdade era a emergência em colocar aquilo pra fora, botando o caminhar pra correr e amenizando o pesar das costas. “Aí foi o tempo que eu casei e tive mais seis filhos, uma já morreu”, completa.

Era dia de missa, por volta das nove da manhã. Terezinha assim que chegou foi surpreendida por sua filha quando a pediu que sentasse e mostrou no computador seus filhos que ficaram lá no Baixo Jaguaribe. “Quando olhei, ela tinha puxado meus dois filhos e disse pra eu olhar. Com um pedaço, puxou lá o da mãe que criou, e era mesmo, tava escrito o nome embaixo”.

Não se demorou pra ir atrás. Receosa pela acolhida, foi indo pelas beiradas com receio do que poderia encontrar no meio. Sua colega de trabalho a puxou pela mão e a encorajou anunciar nos quatro canto que era a mãe de sangue de Eliane e Eliano. A receptividade foi tão grande, que no mesmo dia passaram mais de horas conversando e tentando afagar a ausência das curvas na andança de vida deles. “Aí pronto, toda semana eles me ligam. Eles vêm aqui, querem muito bem os irmãos. Foi bom. Pra que eu quero mais?”.

Episódio #03 - Criando casa onde não tem chão, a enfermeira

“A primeira sutura que eu fiz foi na cabeça de um filho meu”. Auxiliar de enfermagem, trabalhou no hospital Nossa Senhora de Fátima e no centro de saúde Dr. Miranda Tavares, ambos em Brejo Santo, por 30 anos. Foi aí que adentrou à carreira de cuidadora dos enfermos pela hanseníase. “Tenho oito certificados na área, se eu ver qualquer uma mancha em você, eu olho bem e digo qual é o tipo”.

Medicava, dava banho, trocava roupa, cortava cabelo e unha. Na época, não havia hospital pra cuidar, “Todo mundo tinha medo da coisa”, lembra. Dona Terezinha explicou que a doença não se passa por um aperto de mão ou abraço. “É mais complexo,

mas excluía todos os portadores, só eu e mais duas saía com eles pra passear”.

Com o passar do tempo, aumentava a quantidade de pessoas com hanseníase e já não era mais possível o atendimento à domicílio de cada um, instigando a moça das caminhadas e passos longos, a alugar uma garagem para cuidar dos “seus irmãos”. Como um alicerce, foi se montando casa e curando pelo afeto.

“Teve um [portador de hanseníase] que morava nessa rua aqui e eu ia todo dia lá, todo dia. Quando eu me atrasava, ele ficava doidinho. Nesse dia, ele disse: “Agora que vem?”. No outro dia, ele mandou uma pessoa vir atrás de mim. Quando eu cheguei lá, disse: “O que foi, Velho Chico? Ainda não tá na hora não”. Ele só me deu a mão e eu dei a minha mão pra ele, ele quis apertar mas não tinha mais força, as lágrimas nos olhos dele caiu e se apagou. Fui correr pra ajeitar ele, conseguir caixão, fiz o sepultamento dele... eu corria era muito”

Episódio #04 - Salve Nossa Senhora de Fátima

Dizem que quando uma santa “amadrinha” menina, ela aparece três





Tive dois filhos antes do casamento, um casal. Dei a menina com três anos e cinco meses e o menino com quatorze dias. Não tinha condição de criar, eu já passava fome por mim, não ia fazer isso com meus filhos

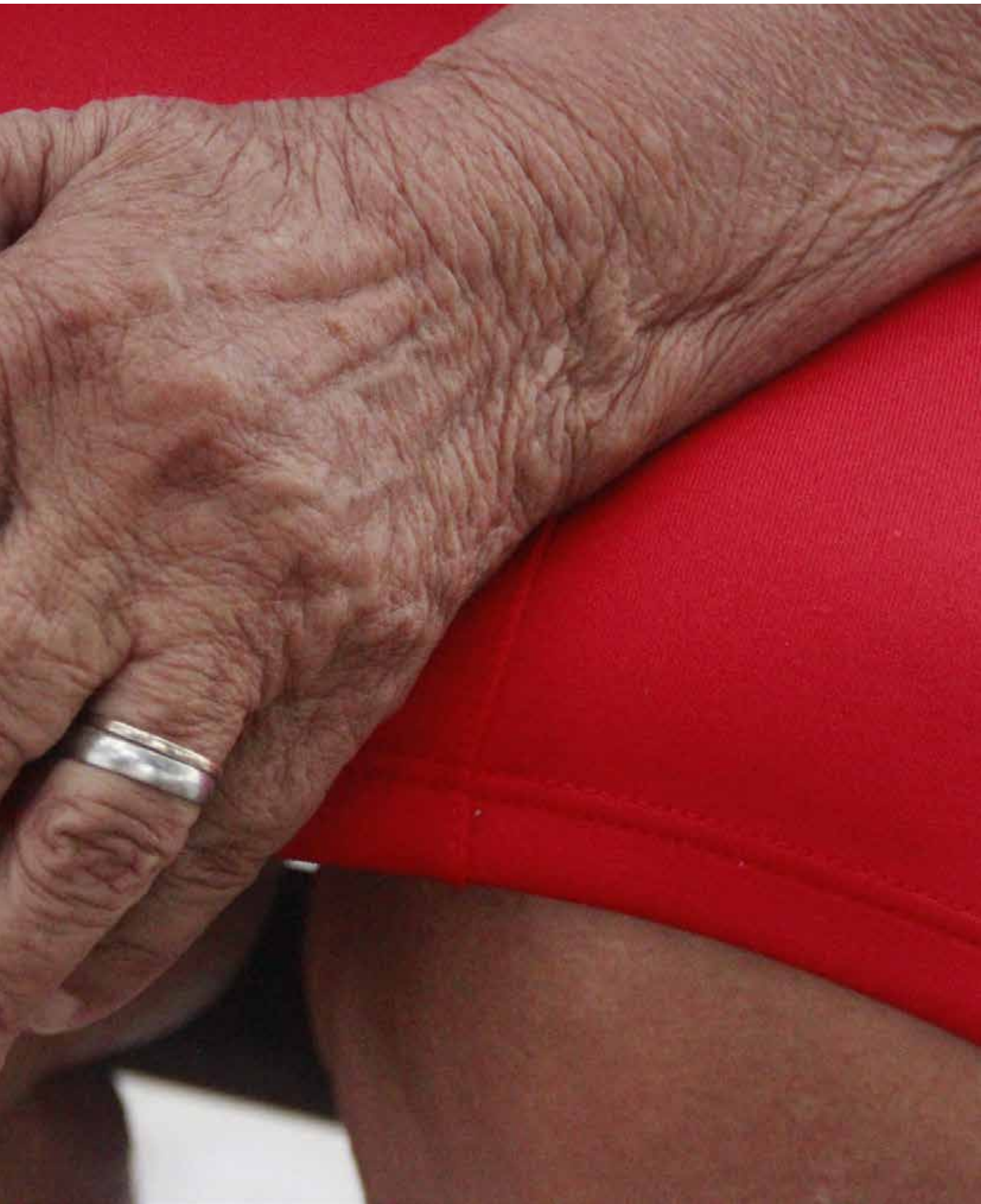
vezes, representando os “três pastorinhos”. E assim foi. Pelas estradas, Terezinha viu Nossa Senhora de Fátima cruzando seu caminho pela primeira vez, mas com o pé no asfalto, não podia parar, só levantou poeira e não deixou rastro.

Já na segunda, sentiu. “Eu gostava de jogar baralho”, havia uma mesinha na garagem de Dona Terezinha que brincava de trocar uns caroços de milho por jogada ganhada. Em uma manhã de domingo, a serventia foi outra. Evangélica, nunca imaginou que seria surpreendida por um grupo católico adentrando sua casa e pondo um andor de Nossa Senhora de Fátima na sua mesinha do jogo.

“Rezaram, cantaram e eu olhando”, após o ritual, a perguntaram se era a dona da casa e pediram que pusesse as mãos nos pés da imagem, por mais que respeitasse, não podia adorar, pois acreditava em outra crença. “Mas aquilo ficou na minha cabeça, não saía da minha cabeça”. Até que um dia, ela decidiu aceitar a intuição e voltou a ser católica, afinal, cada um é para o que nasce.

E a terceira? Ainda vai vir. Será que o encontro vai ser nas terras paraenses? Dona Terezinha disse que se nasceu lá, vai cavar os sete palmos no chão por lá também. Só cabe a seus filhos deixarem. “Eu inventei de dizer para eles que só volto a Belém pra morrer, cadê que eles deixam que eu torne?” ✪







Slam como lugar de voz da literatura feminina

Gritei, falei e rimei

Falar sobre o que você é, sente e vive, usando a rima como ponto de aconchego é uma prática pouco vista entre nós, mulheres. Apesar de sermos escritoras, rabiscamos um pouco no papel, mas temos medo de mostrar a alguém porque não sabemos o que vão falar. A insegurança é o nosso pior inimigo, e ela tem como maior precursor o machismo e o sistema patriarcal em que estamos inseridas. Buscando uma forma de resistência e de ocupar espaços não considerados como de mulheres, os coletivos de mulheres slammer's vêm crescendo dia a dia.

TEXTO | Lara Alencar

O que é o Slam?

O slam foi criado em 1980, em Chicago, nos Estados Unidos. Ele surgiu na mesma época em que a cultura Hip Hop ganhava espaço, mas só chegou ao Brasil nos anos 2000. O Poetry Slam são batalhas de poesia, elas podem seguir regras da organização nacional ou não. Os participantes têm até três minutos para apresentar sua performance - uma poesia de sua autoria, sem adereços ou acompanhamento musical. Não há regras sobre o formato da poesia. As notas são dadas de 0 a 10 pelos jurados, que na maioria das vezes são escolhidos na hora. Qualquer pessoa pode participar das batalhas.

Lugar de Resistência

O espaço do slam é sinônimo de resistência e existência. A literatura periférica ganha corpo e voz nas batalhas, resignificando aquele espaço como ponto auto organizado da palavra falada e cantada das minorias sociais que são marginalizadas. O lugar que é proporcionado pelos slammer's

não diferencia, por exemplo, quem tem o ensino superior ou não, não busca fins acadêmicos para fazer o julgamento. O estilo não padronizado deixa a participante livre para expor os seus conhecimentos, vivências, observações. O espaço é de todas.

Os slams das minas é um projeto que já existe em vários lugares do país, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, buscando um espaço para as manas, monas e minas mostrarem suas poesias de mulheres para mulheres. Nessas batalhas auto organizadas só participam mulheres, algumas fazem recortes para quem pode batalhar: mulheres negras ou mulheres LBTT's. Esses recortes são de grande importância para o acolhimento das manas para comporem esses espaços com poesias e gritos que se entrelaçam com seus pares.

Slam das Minas Kariri

No Cariri, as mulheres que fazem poesia perceberam o déficit de lugares que pudessem abraçar suas rimas e decidiram por organizarem um coletivo de slam só para mulheres, o Slam das Minas Kariri. O Slam segue com um cronograma já estipulado, tendo pelo menos uma edição no mês. A sua criação foi em setembro de 2018, mês contemplado pela primeira edição que aconteceu no Coletivo Camaradas, na Comunidade do Gesso, em Crato (CE).

Lana Oliveira, estudante de Letras da Universidade Regional do Cariri (Urca), é a idealizadora do Slam na região do Cariri. Ela fala sobre como surgiu a ideia de se ter um Slam aqui: “Acredito que pela necessidade de ter um espaço realmente de fala só para mulheres. E essa parceira da Batalha do Cristo é muito importante, porque lá é um espaço só de homens e, mesmo a gente participando da batalha e colando com eles, sempre rola muita discriminação. Aí a ideia surgiu pra gente ter realmente esse espaço de fala, principalmente nesses lugares majoritariamente habitado por homens”.

A Batalha do Cristo é um espaço que já tem uma grande visibilidade por homens que gostam de fazer rimas. Lana explica a parceria do Slam das Minas com a Batalha do Cristo: “Eu já conheço os meninos há um tempão e o apoio deles foi essencial para nós. Porque eles também tinham essa necessidade de ter mulheres no movimento. Geralmente não tem mulher que faz freestyle assim, na hora, e eles acharam muito massa a ideia da gente colar junto com eles. Acaba fortalecendo tanto o movimento deles quanto o nosso, é um fortalecimento mútuo”, destaca.

As batalhas do Slam no Cariri seguem os mesmos critérios das outras regiões. A única diferen-

ça é que no Slam das Minas Kariri só mulheres podem batalhar. No Cariri, o número máximo de meninas atuantes nas batalhas são sete. A idealizadora afirma que o número ainda é baixo e ressalta a importância de mais meninas para fortalecer o grupo.

Os principais assuntos levantados nas poesias das meninas que estão nas batalhas são sobre a estrutura patriarcal e machista, além do assédio, machismo e feminicídio. As mulheres negras também fazem as suas denúncias sobre o racismo e o machismo que enfrentam. Lana fala que algumas dizem que tentam falar de amor, mas que acabam não conseguindo.

“Tem umas que dizem que às vezes tentam falar de amor e de outras coisas, mas não dá, né? Acho que é um espaço pra gente militar mesmo, espaço pra gente falar e ser escutada. Aí eu acho que tá gerando essa ideia de ser escutada, sabe? A galera tá abraçando o rolê”

O grito da rima agora tem lugar, nome e representações. O Slam das Minas Kariri vem trazendo esses corpos políticos como ponto de luta e de resistência. Falar sobre os corpos de mulheres e o que eles passam está deixando de ser bárbaro aos ouvidos da sociedade. O vocabulário das vozes de mulheres para de ser tratado pelo masculino e hoje se movimenta de outro modo. A mulher hoje se movimenta fluidamente no caminho da revolução e das ressignificações, a mulher slam ressignifica o vocabulário masculino onde era localizada e agora se reconhece pelo feminino, a sua voz passa a ser bárbara. ♀



Nesses tempos de ódio

é bom andar amado

Estamos a cada dia mais rodeados de pessoas preconceituosas, todos os dias saem novos casos em jornais, na televisão, nas redes sociais... estamos fartos de ouvir xingamentos e frases que querem nos diminuir a cada instante e muitas vezes esse tipo de coisa não é visto apenas na rua, e sim, dentro de nossas próprias casas. Tantos e tantas que não podem ser quem são em seu meio familiar por medo, se sentem sozinhos, desamparados e seus parentes viram seus amigos, por serem, na maior parte das vezes, mais compreensivos e reconfortantes, ainda que a sociedade em si não ajude.

TEXTO | Bárbara de Alencar

Camila Duarte, 39 anos, é mãe de Luan (20) e Laís Vitória (13), e tenta todos os dias fazer de sua casa um verdadeiro abrigo. Criada por uma tia lésbica, Camila cresceu numa casa em que cada um podia ter opiniões diferentes e agir da forma que quisesse. Entretanto, ela afirma que esse fato não influenciou o respeito que sempre teve por pessoas LGBTQs. “Você não deve respeitar porque convive ou porque tem pessoas dentro da sua família ou dentro da sua casa. Apenas respeite”, ressalta.

Quando Luan, seu filho mais velho, contou que estava namorando um menino não foi um choque para ela, que disse sempre ter percebido a orientação sexual dele, mas não queria interferir e esperou que ele contasse. “Se o Luan fosse ou não fosse gay, meu amor seria esse, nem seria mais nem seria menos, seria desse mesmo jeito”, afirma Camila. Para ela, mãe deve amar e apoiar um filho, independente de qualquer escolha.

Depois que Camila soube que Luan gostava de garotos os dois se tornaram ainda mais amigos. A relação que já existia, de amizade e cumplicidade, se intensificou. Luan chega a pedir até conselhos amorosos à mãe. E ela diz que é uma honra ter os dois como filhos, e agradece dizendo: “São a herança que Deus me deu”.

Entretanto, nem tudo é simples. A mãe relata que a parte mais difícil de ter um filho homossexual é sua preocupação ao dobro, principalmente devido à frequência de casos de violência e homofobia da sociedade. Isso torna cada vez mais preocupante até o ato de andar pelas ruas. “É difícil.

Meu filho quer ir para uma festa e eu só consigo dormir quando ele chega. Tenho medo que ele saia na rua. Eu sei que com toda mãe acontece isso, mas de certa forma é diferente, só sabe quem passa por isso”, confessa.

Historicamente, as pessoas utilizam da religião para se esconder atrás de seus próprios preconceitos. No entanto, Camila é evangélica e acredita que o que falta nas pessoas é amor. “Os únicos mandamentos que Deus nos deixou foram esses: amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo. Se houvesse amor ao próximo, com certeza não haveriam essas guerras e confusões que existem. Mas muita gente não pensa assim, pensam com o nosso próprio umbigo”.

O amor que Camila envolve seus filhos é conhecido até nas redes sociais. O perfil do Instagram de Luan é coberto por comentários de amor e incentivo da mãe. Nos comentários de fotos é comum ver frases do tipo: “Amo você e estarei sempre do seu lado”, ou “Tenho muito orgulho de ser sua mãe”. Para o filho, essas frases refletem no processo interno de auto aceitação. “É muito gratificante que nosso relacionamento se dê dessa forma. Dentro do meu ciclo de amizades minha mãe é a única que se posiciona de maneira positiva sobre a homossexualidade, aceitando, respeitando e dando apoio”, lembra ele.

A relação de Camila e Luan é incrível, mas eis que surge a problemática: isso deveria ser algo comum. O filho considera-se privilegiado, mas todas as pessoas LGBTQs deveriam se sentir assim dentro



Se o Luan fosse ou não fosse gay, meu amor seria esse, nem seria mais nem seria menos, seria desse mesmo jeito

de suas casas e famílias. Até quando essas pessoas terão que ter medo de ser quem você é vai continuar existindo dentro de casa?

Nosso papel como cidadãos é respeitar ao próximo, ainda que hajam diferenças entre si. O que

é dito na frase, “nesses tempos de ódio é bom andar amado” demonstra muito o que Camila quer passar para seus filhos. Luan e Laís são cheios de amor e respeito, pois nos dias de hoje é necessário que estejamos revestidos dessa forma visto que a sociedade é cruel demais, e já maltrata muito, principalmente as minorias.

No meu livro preferido, Extraordinário, da autora R. J. Palacio, tem uma frase que costumo aplicar em todas as áreas da minha vida, que é: “quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil!”. A gentileza e o respeito andam lado a lado e no núcleo familiar, na maioria das vezes, é onde mais sentimos falta disso. ♡

Luan, no dia da sua formatura, rodeado pela mãe Camila e a irmã Laís.





Mulheres em campo

**Seleção Feminina de Futebol de
Juazeiro do Norte**



Quando um menino diz que sonha em ser jogador de futebol, é comum que a família comemore e passe a incentivá-lo. Mas, se a mesma frase for dita por uma menina, as reações podem ser completamente diferentes. Primeiro, porque está enraizado na sociedade o discurso de que futebol é coisa de homem. E segundo, porque não há incentivo no futebol feminino, assim, não há perspectiva de um futuro nesse meio. Mas as mulheres lutam diariamente por igualdade dentro do esporte e quebram todas as barreiras que tentam impedi-las de fazer o que amam: jogar futebol. E elas vão provar que meninas também podem sonhar (e realizar) ser jogadoras de futebol.

TEXTO | Aline Fiuza

FOTOS | Lino Fly

Em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, o futebol feminino está crescendo e ganhando mais visibilidade. A partir de uma iniciativa da Secretaria de Esporte e Juventude, em 2018 surgiu a proposta de formar um time feminino ou masculino para disputar o Campeonato Intermunicipal de Futebol, representando a cidade. A princípio, foi discutida a possibilidade de criar o time masculino, por conta da facilidade em encontrar atletas e patrocínios. Mas, o Secretário e o Coordenador de Esporte Amador lançaram a proposta de inovar e formar

o time feminino, já que nas outras edições era o masculino que sempre representava a cidade.

Através de três etapas de testes, chegaram nas 23 atletas que formariam a primeira Seleção Feminina de Futebol de Juazeiro do Norte. Foi montada uma estrutura quase profissional para preparar as meninas, que treinavam cinco dias por semana, tanto a parte física como a tática. Além disso, a Secretaria organizou um torneio amistoso preparatório, em que a seleção foi campeã.

Com o apoio, a seleção feminina teve um bom desempenho no Intermunicipal, ficando em ter-



ceiro lugar. Depois do campeonato, os treinos tiveram uma pausa já que não há nenhuma outra competição prevista, visto que, o futebol feminino ainda está em crescimento na região. No entanto, a equipe pretende retornar com as atividades para o próximo Intermunicipal.

Atletas profissionais

A atacante da seleção, Vitória Helen, conta que sempre sonhou em ser jogadora de futebol profissional e que a experiência vivida na seleção chegou muito próximo disso. “Foi uma experiência mágica e única, diferente de tudo que eu já tinha feito. Até porque eu jogo futebol desde os meus 10 anos, mas nunca nada como a seleção, que nós fomos tratadas como atletas profissionais mesmo. Tinha acompanhamento de nutricionista, médico, preparador físico, e todo aquele aparato. Coisa que, aqui, acho que você jamais vai ver em nenhuma equipe. Foi um trabalho com atletas amadoras, mas feito com uma equipe profissional. E aquilo ali instigou mais ainda a gente a lutar pelo sonho”, relata.

“Essas meninas não sabem nem jogar”

Apesar de todo o apoio proporcionado pela Prefeitura, as dificuldades ainda foram muitas. Sendo a principal delas o preconceito. O futebol há tempos deveria ser visto como um esporte que independe de gênero. Porém, os relatos de jogadoras que sofrem assédio, machismo e são subestimadas dentro e fora do campo permanecem no nosso dia a dia. As meninas da seleção municipal contam que ouviram muitos comentários negativos, como “deveriam colocar o time masculino, essas meninas nem sabem jogar”, e que costumam ouvir isso desde quando eram pequenas. Esse tipo de atitude obsoleta pode acabar desestimulando-as e prejudicando o desempenho das atletas.

“Quando íamos usar o campo, às vezes, diziam: ‘Não vai poder porque essas meninas jogam em todo canto, elas num instante cansam, não precisam ter esse tipo de treino, porque o





Somos apenas de sexo oposto, mas precisamos ser vistas iguais a eles



campo é grande'. Sempre tem aquele falatório, como se as pessoas tivessem fazendo um favor pra gente em tá mostrando o esporte, em tá colocando um time feminino. Sendo que não, nós temos a mesma capacidade de um time masculino de jogar e conquistar alguma coisa”, destaca a atacante Vitória. Ela acredita que as dificuldades são um diferencial que torna-as mais fortes e vê o futebol feminino com um futuro promissor na região, já que as mulheres estão ocupando mais espaço no esporte.

Ana Karinne, volante da seleção, conta que joga desde os seus 9 anos, época em que descobriu

o amor pela bola, principalmente no futsal, área que conseguiu atuar profissionalmente. O Campeonato Intermunicipal foi sua primeira experiência no futebol de campo, a qual definiu como ótima. Ela relata que sofreu muito por ser mulher no meio do esporte. “Preconceito é o que a gente mais sofre, porque não é uma coisa que é muito aceita na sociedade e isso desestimula. A pessoa sempre fica constrangida por esses acontecimentos, mas devido o passar do tempo, a gente vai se acostumando e não liga mais pro que o povo fala. E segue em frente. Sempre me chamavam de loba. Eu odia-



va. Eu não sei porque mas era loba. Eu me sentia ofendida. Era chato e constrangedor”, afirma.

Por um esporte mais igualitário

Mesmo assim, as meninas nunca desistiram dos seus sonhos e agarram todas as possibilidades que lhes são ofertadas. Daiara dos Santos, atacante da seleção, conta que essa iniciativa da Prefeitura foi importante para incentivar o futebol feminino na região.

“A seleção incentiva muito o crescimento do futebol feminino, já que o futebol feminino não tem tantas oportunidades quanto o masculino”. Ela sonha em jogar profissionalmente e acredita que o esporte pode ser mais igualitário, basta que a sociedade compreenda que todo mundo é capaz de jogar futebol. “Somos apenas de sexo oposto, mas precisamos ser vistas iguais a eles”, diz a atleta.

A expectativa é de que o futebol feminino continue crescendo na região do Cariri cearense e que o desempenho da seleção melhore. Segundo Vitória Hellen, depois da formação da seleção, mais atletas foram reveladas e passaram a procurar o esporte.

“Eu acho que quando tiver a próxima seleção vai chover de meninas. A expectativa foi grande e, apesar das dificuldades, nós fizemos uma boa campanha. Eu acredito que nós poderíamos ter ido mais longe, mas como foi o primeiro já foi muito bom”, ressalta.

A volante Ana Karinne carrega o mesmo sentimento, desejando ser campeã na próxima vez. “Ano passado a gente tinha de tudo para ser campeãs e por um ‘vacilo’ a gente deixou para trás. A experiência do ano passado valeu muito e vai valer mais para a próxima”, diz esperançosa.

País do futebol?

O futebol não tem gênero e isso já deveria ter sido compreendido há muito tempo no “país do futebol”. Em um cenário onde as mulheres já foram proibidas de jogar, elas persistiram e mostraram que nada iria impedi-las de praticar o esporte que amam.

Resistiram e continuam lutando por respeito dentro do esporte, enfrentando machismo, assédio e deboche. E mesmo que digam que não são capazes, elas jogam com alegria, paixão, garra e do jeito que der, mas sempre jogam. Porque elas não estão invadindo o mundo dos homens. Estão apenas retomando um espaço que também nasceu para ser delas. Lugar de mulher é no futebol, driblando, marcando gols e levantando taças. As mulheres sabem jogar futebol e você, sabe respeitar? ♀





O desejo à vida

A dente de cachorro

Imagine que você vive uma vida livre, com direito de escolher que rumos tomar e que pessoas trazer para sua vida. Imagine que tenha esse direito usurpado e que seja forçada e submetida, com violência e requintes de crueldade, à uma vida oposta e imposta...

TEXTO | Luciana de Medeiros

Ilustração: Alice Carvalho



Essas eram as condições das mulheres indígenas na época da colonização. É comum ouvir pelos sertões a expressão: “Minha bisavó foi pegue a dente de cachorro!”. Isso faz referência à condição em que estas mulheres eram submetidas aos colonizadores: caçadas por cachorros e homens a cavalo por dias e dias.

Ouvi esta expressão pela primeira vez no Cariri. Sentada num alpendre, tomando café e olhando os vagalumes que aparecem em janeiro. Lu, uma descendente dos índios Kariri, contou-me que em sua família há uma história de uma ancestral que fugiu para a floresta ao recusar se submeter a um casamento com um homem português. Foi caçada durante dias nas matas, “de cima da Chapada [do Araripe]”, mas nunca foi encontrada. Apareceu anos depois, com dois filhos e um companheiro. Feliz e forte. Na família de Lu, quando uma menina é afeiçoada à rebeldia e à insurgência, as mais velhas dizem que “essa tem o sangue da índia que fugiu”.

Depois, num misto de curiosidade e perplexidade, procurei fatos e relatos sobre a condição das mulheres indígenas daquela época. Descobri uma realidade ainda mais violenta, desumana e misógina. Um dia, ouvi de Zulene Galdino, mestra da cultura do Crato, que quando pegas, as mulheres eram trancafiadas em um quarto, amansadas (imaginem os métodos!), e só depois eram destinadas ao casamento ou ao trabalho.

A literatura histórica pouco faz menção ao fato e quando o faz é pouco explorado. Entretanto, a expressão “a dente de cachorro” é corriqueiramente citada pelos sertões e, por isso, utilizada como referencial histórico e antropológico para falar da presença indígena em determinados territórios.

Tem-se aí, portanto, um manancial de informações que estão no campo da oralidade. As histórias das índias que fugiam são contadas assim, de boca a boca. Quase como se o ato de contar esta história fosse uma tradição, um rito para honrar a ancestralidade indígena.

Mas apesar da curiosidade e perplexidade diante da crueza destes fatos, o que de fato me inquietava nesta busca era saber sobre aquela força que as movia tão fortemente na luta pela liberdade. Que força as fazia resistir? O que as mantinham firmes em estado de fuga e adrenalina por dias e dias? Que instinto é esse? Ele permanece conosco hoje, ainda que de forma parecida?

De maneira puramente intuitiva, respondi a mim mesma de que essa força vem da condição feminina, e que é natural a expressão da necessidade de a vida manifestar-se. A Natureza e a mu-

lher são expressões do feminino no mundo: as duas geram frutos (seja bicho, gente ou ideias), as duas acolhem, nutrem e cuidam. Guardam sementes e devolvem vida!

Desde tempos imemoriais a figura feminina é associada à Natureza. A mulher era tratada, cuidada e considerada como parte essencial do mistério da vida. Entendiam que a vida era explicada através de um ventre habitado por uma vida nova, tal como semente que brota devagar do solo. Essa visão de mundo ainda é comum entre os povos originários.

A Era moderna e suas imensas contradições nos fez esquecer dessas e de tantas outras delicadezas. Perder o sentido desta sacralidade em nós é perder o brilho que nos é inato, é relegar ao esquecimento o fato de que a Natureza nos nomeou como fiéis depositárias de seus mistérios, encantos, ciclos, beleza e diversidade. Somos um microcosmos. A vida em sua complexidade se faz em nós, de forma natural, sem esforço. É inato, é seu, é meu, é de nós todas.

Estar no mundo a partir do enraizamento dessa consciência nos mantém firmes, atentas, despertas, aptas a enfrentar com grandeza, beleza e doçura os desafios inevitáveis de nossa caminhada. Nos torna aptas a delimitar territórios, a tomar posse de nossos corpos com segurança, a farejar oportunidades, caminhos e bons corações. Imaginar a força destas ancestrais é imaginar uma planta rompendo o asfalto. O desejo de vida é soberano, mexe com forças tectônicas e abre caminhos improváveis.

Em tempos sombrios como estes que estamos vivendo não há outra saída a não ser a resistência amorosa. Sim, amorosa! Só o Amor possui a potência transformadora necessária para transmutar as expressões de ódio que nos atacam diretamente. Essa resistência ganha contornos sutilmente poderosos quando lançamos mão desta força ancestral que movia as índias no passado. Ao apreciar essa força ancestral, aprecia-se também para a força de Marielles, Dandaras, Marias, Clarices, Bethânias, Antônias, Zuleides, Valérias e Verônicas.

E onde está esta força? Onde senti-la? É inata, lembra? Está dentro porque faz parte da nossa essência. Não é necessário ritos, sacerdotes ou protocolos extensos. Está aí, caminhando por florestas e subúrbios. Está nas mãos calejadas das camponesas, nas fábricas, salas de reuniões. Ela é imanente e transcendente. Ela é e está. Buscá-la é tão simples quanto respirar. É só vibrar em coragem, que do latim é “agir com o coração”.

E nunca esqueça de uma coisa: somos porta-vozes da força daquela semente que rompe o asfalto somente para dizer a vida é maior, muito maior. ♀

O não se entregar de Mundinha Freitas

A alma do Sertão é artista. É guerreira. Não se entrega, nem desiste. Dona Mundinha Freitas (80) é a prova viva - em carne, osso e poesia - da veracidade de minhas palavras. Mulher, sertaneja com orgulho, de sorriso fácil e brilho nos olhos, mas que não entregam de cara o quão extraordinária ela é...

TEXTO | Julita Agapto

FOTOS | Jayne Machado



Nascida na fazenda Serra Verde, localizada no município de Caririçu (CE), em 1938, foi lá onde passou a infância, a qual lembra com bastante ternura. “Quando eu era pequenina, acordava bem cedinho, corria pro pé de Juá, só pra ver os passarinhos, pulando de galho em galho, cantando música pra mim”, conta, com empolgação, sobre os hábitos da criança que foi, e que ainda guarda carinhosamente, no coração da mulher que se tornou. Através das bonecas que faz e das poesias que escreve, Dona Mundinha eterniza as memórias dos 80 anos de uma vida desafiadora, repleta de altos e baixos, que enfrentou e venceu de forma bárbara.

“O sertão ele é matuto, mas é tão bom”, afirma ela, que cresceu rodeada pelos encantos de uma terra humilde, pacata e cheia de belezas, reconhecidas e exaltadas em muitos de seus poemas. O pai, Seu Manoel, vaqueiro e agricultor, foi quem a ensinou escrever o próprio nome. A mãe, Dona Hermínia, dona de casa, passou para ela e suas irmãs a habilidade de confeccionar bonecas. Os irmãos ajudavam aos pais com os trabalhos da casa, da fazenda e a cuidar uns dos outros.

A família morava na propriedade da fazenda Serra Verde, administrada pelos donos franceses Hubert e Janine Bloc Boris, para quem prestavam serviços. Mundinha relembra o passado com saudades e recita uma de suas poesias sobre os tempos de criança: “Minha casa era de taipa, à luz de candeeiro, café torrado no caco, bacorinho no chiqueiro, galo botando ordem nas galinhas do terreiro, fôgão de lenha, cheirando a carne assada, água fresquinha no pote, a merenda era coalhada, queijo fresco e rapadura com farinha misturada”.

Entre bruxinhas e feijões

Dona Mundinha relata ter vivido uma infância boa. Gostava de correr descalça pela fazenda, mexer com ninho de passarinho, acordar cedo e apANHAR as macaúbas que caíam do pé. Os brinquedos eram inventados, criados por ela e os irmãos. “Depois a nossa mãe tinha um tempo e sentava. Ela costurava, fazia bruxinha de pano e ensinava a gente a fazer aquelas bonequinhas, aí enchia com algodão. Esses eram os nossos brinquedos”, diz enquanto aponta para uma cesta cheia de bonecos que fez.

A artesã também mostra um livro feito totalmente de pano e bordados, intitulado “Coisas do Sertão”, o qual conta sua história. Em uma das páginas está a história que sua mãe pilava e preparava a refeição enquanto ela voltava da roça com o pai. “Todo mundo ajudava, eu era tão pequena que não sabia contar três caroços de feijão pra botar na cova. Uns cavavam e outros botavam três

caroços de feijão e dois de milho. Como eu não sabia contar ainda, ia cobrindo com as mãozinhas atrás de quem ia botando”, fala enquanto percorre as páginas do livro com as mãos.

Ignorância e liberdade

Quando falamos sobre estudos, Dona Mundinha afirma que só aprendeu a assinar o próprio nome quando tinha doze ou treze anos, e não frequentou a escola quando criança, pois o pai dizia que as mulheres não precisavam estudar. Por isso, o sonho de se alfabetizar não foi possível durante sua infância. Pergunto como ela se sentiu com a decisão do pai.

“Naquela época, o ritmo da vida era esse, essa ignorância, não tinha liberdade, e na nossa cabeça, a gente pensava que realmente o pai estava certo”, conta com pesar. Aos dezesseis anos, Dona Mundinha foi mandada para a casa dos patrões Hubert e Janine, a fim de prestar serviços como babá. E apesar de não receber salário, sentia mais liberdade.

Além disso, a avó das três crianças que ela cuidava também lhe ajudava a melhorar na escrita. Da Serra Verde foi embora a caminho de Crato, onde permaneceu morando com os franceses. “Quando as meninas precisaram estudar, aí a gente veio embora pro Crato, ali pra Rua Leandro Bezerra. Quando casei, eu tinha 24 anos, foi quando eu saí da casa dos franceses”.

Sobre a vida de casada, Dona Mundinha diz que era complicada, devido às dificuldades financeiras, mas que eram felizes e superavam juntos as adversidades. “A gente ia pro sertão, quando não dava pra pagar o mercantil. Quando eu precisava, os meninos [filhos] iam pra casa de meu pai, ficavam uma semana lá. Quando eu voltava tinha o dinheiro de pagar, aí assim a gente viveu, meus



Mas será possível que desde pequena eu tive uma força, assim, uma vontade de viver, de sonhar. Eu sonhava, eu queria realizar, e eu vou me entregar?

filhos estudaram e tudo”. O casal Mundinha e Zé Firmino viveram juntos por 54 anos e tiveram seis filhos, que criaram com todo amor.

E eu vou me entregar?

Aos 80 anos, Dona Mundinha vivenciou muitas perdas. Quando ainda era bem pequena, seu ir-



Ainda criança, Mundinha foi impedida de estudar. Anos depois, foram os estudos que a salvaram de uma dor profunda.

mão gêmeo faleceu após uma queda, episódio que trouxe muita tristeza para a família. Há poucos anos, ela também perdeu o esposo, quem amava muito. Dentre as muitas batalhas que venceu, está um câncer de útero.

“Me curei, o doutor disse que desse eu não morria, porque eu cheguei lá com o pé no primeiro degrau, quer dizer, assim que eu senti, eu fui”, ela tinha 43 anos na época em que descobriu a doença.

A vida a derrubou muitas vezes, causou muitas dores, tanto à mulher, quanto à mãe que foi. O momento em que uma de suas filhas cometeu suicídio foi o mais difícil, ela confessa. “Eu olhava para o mundo e eu não via uma saída, era como se eu tivesse num beco sem saída”, acometida por

uma depressão devido à perda precoce da filha, Dona Mundinha buscava forças dentro de si. Ela conta que foi o amor pelos filhos que a impediu de desistir e a manteve disposta a vencer mais essa adversidade.

Focada em sonhos antigos, encontrou motivação para viver e apreciar o mundo novamente. “Mas será possível que desde pequena eu tive uma força, assim, uma vontade de viver, de sonhar. Eu sonhava, eu queria realizar, e eu vou me entregar? Não tem volta, o que eu fizer agora, minha filha não tem volta. Então eu pensei ‘eu acho que eu vou realizar um sonho, eu vou estudar’”. E, assim, encontrou nos estudos a esperança de se reerguer e continuar sua jornada.

A partir daí, caminhava rumo ao universo da poesia, a arte de transformar até as coisas mais doloridas em rimas, o que ela faz com uma naturalidade de se admirar, e por mais que Mundinha Freitas insista em repetir que poeta ela não é, a alma do sertão que ela ama grita em seus ouvidos “poetisa, sim!”.

Aos 63 anos, realizou o sonho de estudar, aprendeu as regras de pontuação, “e o professor era uma televisão”, ela brinca, falando sobre o Telecurso, programa que lhe possibilitou os ensinamentos. Ao terminar os estudos, a poesia agora era uma grande amiga, caminhando ao lado dessa grande mulher.

Apesar dessa conquista, Dona Mundinha ainda lida com problemas de ansiedade, mas segue confiante de que é mais uma batalha a ser vencida. “Uma mulher de olhos parados. Uma mulher de gestos parados. Uma dor parada numa mulher”. O sentimento que cada verso carrega é o que me faz repetir pra mim mesma enquanto a escuto: “Que mulher extraordinária!”.

Nascida para a arte

As bonecas confeccionadas por sua mãe, reaproximam Dona Mundinha do seu passado na fazenda, tempo que desperta nela imensas saudades. Únicas e cheias de personalidade, de Patativa à Luiz Gonzaga, de Bárbara de Alencar a ex-presidente Dilma Rousseff, é possível encontrar de tudo dentro da cesta de bonecas que Dona Mundinha fez. A ideia de criá-las se inspirando em personalidades importantes e de destaque, no Cariri, como Abidoral Jamacaru e no mundo, como Barack Obama, surgiu da filha Adriana, que faz peças de biscuit inspiradas em pessoas.

Mundinha decidiu tentar fazer o mesmo com as bonecas de pano, iniciativa que deu certo e chamou a atenção de muitas pessoas para esse seu talento tão original. Mesmo vendendo algumas bo-

necas, ela diz que não começou a fazê-las com essa intenção, é algo que ela gosta e se diverte criando.

Com o passar do tempo foi se aperfeiçoando nessa arte. “Você vai fazendo uma coisa e já vai melhorando. Se eu for fazer Luiz Gonzaga agora eu já capricho mais, até o chapéu era eu que fazia, comprava os pedacinho de couro e fazia, tem muita coisa do Sertão, são as que eu gosto mais”.

Teatro e poesia

O teatro é outro hobbie dela, que participa da “Turma do Idoso” no Sesc (Serviço Social do Comércio) e já interpretou Patativa do Assaré em um dos espetáculos. Já suas poesias, guardadas em um livro, possuem temáticas diversas, e vão de assuntos formais a cotidianos. Histórias de vida, homenagens a mulheres, todas carregam um pedacinho de sua autora, emocionam e fazem sorrir aqueles que leem. Dona Mundinha é artista, em cada átomo que a compõe, e carrega no peito um coração sertanejo e poeta. Eu não conseguiria pensar em combinação melhor que essa.

Nasci de novo

Chegando ao final da nossa conversa, eu já estava triste por ter de ir embora, poderia passar o dia inteiro ouvindo os relatos da artista, lendo suas poesias, ou melhor, ouvindo-a recitar. Para finalizar, pergunto o que ela acha da luta das mulheres por mais espaços e se de alguma forma isso a influencia.

“Assim, eu saí do meu tempo e entrei no tempo de vocês, porque no meu tempo nem votar as



Se eu fosse voltar, morrer e voltar numa reencarnação, eu queria vir mulher. Porque agora eu ia realizar meus sonhos, que eu realizei muito pouquinho das coisas que eu sonhei

mulheres votavam. Não tinham direito de votar. Mulher era na cozinha, só pra ter filho, criar, fazer comida e cuidar do marido. Depois começou a liberdade, a mulher começou a votar, a mulher começou a trabalhar, a ter valor. Então eu mergulhei no mundo de hoje, não aceitando tudo, eu nasci de novo. Se eu fosse voltar, morrer e voltar numa reencarnação, eu queria vir mulher. Porque agora eu ia realizar meus sonhos, que eu realizei muito pouquinho das coisas que eu sonhei”.

Dona Mundinha ainda deixa um conselho para as jovens mulheres de hoje: estudem e sejam autossuficientes. Quando perguntada sobre o sertão e se pretendia voltar para a fazenda onde nasceu, respondeu com seus versos: “Um dia eu deixo o Crato, é a minha opinião, vou voltar pra minha terra sem levar nenhum tostão, vou terminar minha vida, num cantinho lá no sertão”. ♀

Na cesta de bonecas de Mundinha, é possível encontrar de personalidades regionais a internacionais.





A menina canta, **encanta e resiste**

Em meio um gole e outro de cerveja, a cantora Maria de Fátima Gomes do Santos, conhecida como Fatinha Gomes conta sua história. A ânsia de querer ser artista lhe deu força para superar os desafios, ir em busca do autoconhecimento, se aceitar e resistir.

TEXTO E FOTOS | Jayne Machado

Segundo o Dicionário Aurélio, um dos significados da palavra artista é “Que tem ou exprime o sentimento da arte” e não teria definição melhor para Fatinha, ela sente a arte e traduz isso no seu canto. A cantora fala que a arte sempre foi passando aos poucos por sua vida, primeiro no coral da igreja, depois na aula de dança, aula de violão... o importante mesmo era ter música no meio.

“Eu era criança, estudava em escola pública, tinha em torno de 6 ou 7 anos mais ou menos, e sempre que eu passava na frente do Teatro Rachel de Queiroz eu queria estudar lá. Sentia essa vontade... Mas eu sabia que crianças na minha situação de raça e classe não poderiam. Teve um tempo que eles abriram um convênio nas escolas do município e ofertaram vagas para as crianças de escola pública, e eu sabia que queria a vaga para aula de violão, mas era muito pequenininha e fui a última a chegar para pegar a senha e acabei ficando com a aula de dança”, conta.

É notável que a música é um pilar na vida de Fatinha, é força, é segurança. Ao contar sua jornada no ramo profissional, mostra que apesar de difícil sempre teve leveza para se sobressair e persistir, o seu amor pela arte é evidente.

Na adolescência, ela perambulava nas noites caririenses, buscando uma chance de mostrar seu talento. Muitas tentativas, muitos não, até chegar onde chegou. “Sobre sair de casa sozinha, eu não tinha permissão porque era jovem e a única mulher da família, um pai tanto quanto opressor e uma mãe cuidadosa e eles meio que queriam me prender, só que eu queria cantar, né? Para que as pessoas me vissem, pra elas entenderem que aquele era meu sonho, eu tinha que sair! Então comecei a me rebelar”, complementa, dizendo que sua caminhada não acabou, ainda há muito o que viver, aprender e evoluir.

Cratense, ela deixa muito clara sua paixão pelo Cariri cearense, suas influências e como os ami-

gos artistas lhe ajudaram e ainda ajudam. Ela quer voar, como qualquer artista, mas sabe que no seu ninho vai sempre reabastecer seu coração e suas inspirações.

Fatinha também conta as dificuldades que passou por ser mulher. A vida pública e a busca para adentrar o mundo artístico nem sempre foram flores. Sua trajetória sempre foi acompanhada de assédios e medo e da vontade de desistir. “Os barzinhos do Crato eram muito frequentados por homens e como eu sempre estava sozinha, não tinha nenhum homem ou familiar me acompanhando. Às vezes eu era confundida com uma prostituta, garota de programa, sofria muitos assédios, e além de estar muito só, eu sentia o peso, sabe? Mas sabia que precisava estar ali, viver esse desafio de estar entre as pessoas para que elas entendessem que eu era uma cantora”. A cantora ressalta que ser mulher é ser resistência, a força feminina resiste, e vai resistir sempre e agora, mais do que nunca, está tentando demonstrar isso através da sua história e trabalho.

No auge dos 38 anos e com o coração de menina, Fatinha fala que está em sua melhor fase, mesmo depois de altos e baixos, tanto na vida profissional como pessoal. Hoje, a artista se considera uma mulher livre! Livre inclusive no amor. Segundo ela, o importante é ser e estar feliz, e seu sorriso não nega ao falar disso.

A história de Fatinha fica registrada aqui, visibilidade para uma mulher, artista, LGBTQ e de descendência indígena, exemplo de força e resistência, que segue cantando e encantando. Afinal, a menina canta! 🍷

Fatinha quer voar. Mas sabe que é no Cariri onde sempre encontrará refúgio e inspiração.









Pequenos corpos corações gigantes

As irmãs Rosinha, Ceilda e Cileide (in memoriam), portadoras de atrofia dos membros superiores e inferiores, aprenderam a enfrentar as dificuldades da vida desde cedo. Naturais do Sítio Mocotó, na zona rural de Várzea Alegre, filhas de agricultores e de uma comunidade carente, elas começaram a trabalhar ainda crianças para ajudar no sustento da família. Pelas limitações da deficiência física, não podiam trabalhar na roça, principal fonte de renda de sua comunidade. Assim, descobriram na arte do crochê - ofício herdado de sua mãe, avó e tias - uma forma de conseguir sustento e uma oportunidade de mudar suas vidas e as das pessoas do seu sítio.

TEXTO | Aline Fiuza

Desde o início, Rosinha e suas irmãs carregavam o desejo por um bem coletivo e se esforçavam para passar adiante o legado do conhecimento que tinham. Dessa forma, começaram a ensinar o crochê às adolescentes do Mocotó, com o intuito de ajudá-las a ter uma renda. O grupo era formado por dezessete mulheres, que produziam e vendiam varandas de redes de dormir. Depois de ensinar-lhes o crochê, veio a vontade de alfabetizá-las. “Ninguém sabia ler nem escrever. Já

mais incomodava ao grupo, que sentiu a necessidade de lutar por mudanças.

Assim, surgiu o desejo da criação de uma associação comunitária, para desenvolver projetos e trazer melhorias para o Mocotó. Rosinha tomou a frente do projeto e recorreu às autoridades para lhe auxiliar. Por meio do Sebrae (CE), ela conseguiu verba para construir um prédio, onde funcionaria uma mini fábrica de redes de dormir artesanais. O propósito era de gerar



Foto: André Costa

eu e minha irmã, sabíamos, o que era raro pra comunidade. Então a gente iniciou um trabalho de alfabetização com os moradores. Anos depois, vários homens e mulheres já tinham aprendido. Foi um passo importante para que nossa comunidade começasse a melhorar de vida, inclusive financeiramente”, recorda Rosinha.

Os encontros fizeram com que as mulheres percebessem e discutissem sobre outras necessidades presentes no local. A realidade do descaso do sítio com a mortalidade infantil, o analfabetismo, a pobreza e o êxodo rural eram o que

trabalho e renda, mantendo o foco na vocação local, caracterizada pela produção de redes bordadas, jogos americanos, tapetes, toalhas, colchas de cama e roupas de crochê. Era o primeiro passo da transformação da comunidade do Sítio Mocotó.

O projeto da fábrica se expandiu para a fundação da Associação Comunitária do Sítio Mocotó, em 1989, que partiria para além do artesanato e visaria a melhoria da comunidade. Através da Associação foram implantados projetos sociais no sítio, de cunhos educadores, agrícolas, culturais, religiosos e de tratamento da água local. As principais conquistas foram a

energia elétrica, a água enca-
nada, a ampliação da fábrica
de redes e a aquisição de um
trator.

Hoje, a comunidade vive
uma realidade completa-
mente diferente graças aos
trabalhos desenvolvidos pela
Associação. Segundo Rosi-
nha, o analfabetismo foi er-
adicado e com o trabalho
artesão da fábrica de redes,
muitas das cerca de 300 pes-
soas do Mocotó conseguiram
adquirir casas e transportes
próprios, além de poderem
levar seus filhos para univer-
sidades.

Apesar de tantas reali-
zações, a caminhada não
foi fácil. Rosinha relata que
muitas vezes ela e suas ir-
mãs foram subestimadas por
apresentarem deficiência
e que sofreram muito pre-
conceito durante suas vidas.
“Me orgulho e me emociono
quando relembro de como
tudo isso começou. Muitas
pessoas duvidaram do nos-
so potencial, até por sermos
deficientes físicas, mas nós
acreditamos e seguimos em
frente. Hoje muitas famílias
mudaram de vida, a comu-
nidade evoluiu, a autoestima
cresceu e o legado já está aí.
É uma Associação que acre-
ditou, principalmente, na
capacidade de cada uma das
artesãs e hoje colhe frutos.
Posso afirmar que o crochê,
junto com a força de vontade,
mudou a vida de cente-
nas de pessoas”, ressalta a
artesã.

A Associação do Sítio
Mocotó adquiriu reconheci-
mento nacional e mundial.
Recebeu do governo do Es-
tado do Ceará o Selo Ceart -
uma garantia da autenticida-
de da produção artesanal e o
reconhecimento das obras de
arte popular. Em 2005, Rosi-
nha ganhou o primeiro lugar



*Deus me deu a graça de
ser útil e mostrar que a
gente pode fazer alguma
coisa pelo outro*



Foto: André Costa

do Ceará no Prêmio Sebrae Mulher Empreendedora, terceiro lugar a nível nacional e quinto a nível mundial, na categoria Associativismo.

Em 2008, a artesã foi convidada para participar do Encontro Nacional das Mulheres Rurais do México, na Cidade do México e, em 2013, participou do projeto Mulher Artesã Brasileira que consistiu em uma exposição fotográfica e de objetos sobre o artesanato feito por mulheres, realizada pela Associação Brasileira de Exportação de Artesanato (Abexa) na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque.

“Penso que um dia quando Deus me levar não vou de mãos abanando. Não me sinto inútil, mesmo com tamanho de um metro. Deus me deu a graça de ser útil e mostrar que a gente pode fazer alguma coisa pelo outro. Ninguém é tão pobre que não possa oferecer algo ao outro ou tão rico que não possa receber”, diz Rosinha ao lembrar de sua trajetória.

Por seu talento, determinação e facilidade de expressão, ela se tornou, naturalmente, porta-voz do grupo e a primeira presidenta da Associação. Isso, contudo, não significa que chame para si todas as ações da entidade, que conta com a colaboração de outros moradores do sítio. O órgão possui uma diretoria com doze membros, que se reúnem mensalmente para tratar da parte burocrática e buscar a idealização de novos projetos para o sítio.

Por tantas conquistas e mudanças, a comunidade do Sítio Mocotó é hoje reconhecida como uma experiência de sucesso na construção de uma vida digna para os moradores de áreas rurais e se destaca no trabalho artesanal de produção de redes de dormir, principal atividade de geração de renda para as famílias atualmente. Além disso, com o trabalho artesanal na Associação, as mulheres tornaram-se mais independentes, pois adquiriram autonomia econômica, pessoal e nas relações familiares, ganhando um maior poder de decisão sobre a própria vida. Tudo isso graças à iniciativa das irmãs Rosinha, Ceilda e Cileide que souberam transformar dificuldades em oportunidades, mostrando que o tamanho dos seus corpos não foi obstáculo para a realização de mudanças grandiosas. ♀

Foto: Helene Santos



As irmãs Ceilda e Rosinha, no sítio Mocotó, em Várzea Alegre.



Aceito, mas não me rendo

A filosofia de Edilânia

Superação e vitória são palavras corriqueiras na vida da jovem Edilânia Freitas, 30. Se formos buscar no dicionário, um dos significados da palavra "superação" é "obter uma vitória relativa sobre algo". Hoje, essas palavras têm um significado bem mais amplo para quem já passou por muitos desafios durante toda a vida.

TEXTO | Claudiana Pinho Mourato

A Atleta paralímpica de natação, com participação em competições estaduais e nacionais, Edilânia viu sua vida mudar repentinamente há cerca de 12 anos, ao sofrer um acidente de trânsito e ficar paraplégica.

Com apenas 17 anos, as dificuldades enfrentadas para adaptar-se à nova realidade foram superadas com muita perseverança. Com seu carisma e um sorriso largo no rosto, quem a vê hoje não imagina os problemas e desafios enfrentados em uma das fases mais difíceis, a adolescência. Além de se descobrir como pessoa, ela vivenciou as dificuldades de aceitação à nova condição, e hoje diz acreditar que somente conseguiu seguir em frente quando enxergou que a cadeira de rodas não seria uma prisão e sim uma forma de libertar-se.

Reavaliando isso hoje, a paratleta considera que essa foi a escolha mais inteligente que fez: aceitar e não questionar. Assim veio o desejo de superar-se a cada dia e aprender a viver da melhor forma, mesmo com limitações. Assim, ela fez da sua condição um incentivo a mais em busca de seus ideais e sonhos.

Apesar disso, o esporte como opção de vida demorou mais um pouco a se concretizar. Apaixonada por esportes desde criança, ela viu o momento ideal há dois anos quando conheceu a natação em modalidade esportiva. O amor pelas competições de natação surgiu através de um convite de uma amiga que já participava e, ao assistir pela primeira, logo veio o desejo de se tornar uma atleta.

Para seguir com o sonho, a jovem teve de abdicar de muita coisa em sua vida. Em junho de 2017, ela teve de deixar sua cidade natal, Acopiara, região Centro-Sul do Ceará, para ir até Fortaleza, cerca de 350 km distante. O primeiro grande obstáculo, para ela, foi a saudade da família e dos amigos. "Até hoje conviver com essa distância não é fácil, é uma

Ilustração: Ellen Brasil





Desde 2017, Edilânia já soma 25 medalhas de ouro.

luta diária contra a saudade, e com um desafio a mais, o de morar sozinha”. Por isso, para seguir em frente, o apoio da família foi essencial, todos acreditaram no sonho e o desejo dos parentes é que ela se desenvolva cada vez mais no esporte.

De lá pra cá foram cerca de nove competições, 44 medalhas - 25 de ouro, 10 de prata e 9 de bronze. Vale destacar o ano de 2018: em sua primeira competição a nível Norte-Nordeste em Aracajú (SE), a paratleta ganhou quatro medalhas de ouro, e ficou como a terceira melhor atleta do campeonato no quadro geral de resultados.

Se é pra falar de conquistas, o “X Meeting Cearense 2018” também merece destaque, a atleta quebrou dois recordes cearenses, nos 100 metros costa e nos 100 metros livres. Já em 2019, ela começou com grandes conquistas numa competição em João Pessoa (PB). Edilânia ganhou mais duas medalhas, uma de ouro nos 100 metros livres, e uma de bronze nos 50 metros costas.

Tudo isso veio com muito esforço: manter o foco e a disciplina são essenciais. A atleta tem uma rotina intensa de treinos, durante cinco dias da semana, fazendo exercícios na academia e, além disso, realiza todas as tarefas domésticas. Vaidosa, Edilânia adora se arrumar, ajeitar os cabelos, usar maquiagem, vestir-se bem e sabe como dar dicas de beleza e de autoestima em seus stories no Instagram.

Hoje, os maiores sonhos são chegar no mundial e nas olimpíadas. E ela deixa um recado pra quem convive com limitações: “Aceitar a deficiência física não é se conformar com as limitações que ela te trás. Pra mim, é simplesmente uma opção que a vida me deu de fazer as coisas de outro jeito, do meu jeito. E se fosse com você, seria do seu jeito. Aceito, mas não me rendo. Me reviro do avesso pra ter e ser o melhor pra mim”, pontua. ♀



Foto: Arquivo Pessoal

cirurgia de laqueadura versus **autonomia feminina** **sobre o corpo**

Apesar da legislação própria, o planejamento familiar e a esterilização voluntária ainda são assuntos que entram, constantemente, em confrontos jurídicos e sociais, seja pela desinformação ou por questões morais. A seguir, Maria Clara Arraes, estudante de Direito da Universidade Regional do Cariri (Urca) e membro da Frente de Mulheres dos Movimentos Sociais do Cariri, narra os confrontos feministas que existem e devem ser debatidos acerca da lei federal nº 9.263/96.

TEXTO | Maria Clara Arraes

Eu já morei na tal da feira moderna, mas saltei de banda e hoje sou meu próprio patrão e ninguém me manda. (Elza Soares, 1972)

O desempenho de um dos movimentos de mulheres no Brasil, o “lobby do batom”, fez com que fossem englobadas propostas relacionadas aos direitos das mesmas à Assembleia Nacional Constituinte no processo de reavaliação do que deveria estar escrito na Constituição Federal. Identifica-se o artigo 5º da Constituição de 1988 como exemplo, onde se afirma que todos são iguais perante a lei, sem diferença por qualquer fator, garantindo os direitos à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade.

É importante destacar que a palavra “igualdade”, nesta matéria, não significa homogeneidade ou uniformidade, entendendo que esse termo deve se traduzir no direito à diferença, de que a desigualdade não seja consequência disso, tratando-se de forma respeitosa o assunto.

Com ascensão de movimentos sociais de mulheres no século XX, houve enfrentamentos com pretensão de obter direitos políticos, civis e sociais, com foco nos direitos trabalhistas, representação governamental, à propriedade e aos direitos reprodutivos.

Já em 1995, ocorre a 4ª Conferência Mundial de Mulheres, realizada em Pequim, capital da China. A Plataforma de Ação constata 12 áreas cruciais no que se refere à conjuntura das mulheres no mundo inteiro, que são: preocupação com a pobreza, a educação, formação profissional, as

violências contra as mulheres, estruturas políticas, sobre os conflitos armados, autonomia para tomar decisões e atenção às precauções de saúde da mulher, dentre outros.

Mesmo essa Plataforma tendo como objetivo o empoderamento da mulher, tratando dos mais diversos tipos de autonomia feminina, é necessário que, paralelos a essa iniciativa, sejam feitos levantamentos financeiros nacionais e internacionais. Contando com o apoio e as realizações das políticas públicas das instituições, em todos os seus âmbitos de organizações políticas nacionais, para a efetivação dos Direitos Fundamentais das mulheres de cada nação que integram esse tipo de campanha.

Após essa Conferência, em dezembro de 1995, é decretada e sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso a lei nº 9.263, que se refere ao planejamento familiar e à esterilização voluntária, tendo como sustento o art. 226 da Constituição de 1988, classificando a família como base da sociedade, sendo assim, com especial proteção do Estado.

Além dos itens encontrados no parágrafo 5º, 7º e 8º do mesmo dispositivo, que dão ênfase à relação conjugal, discorrendo que os direitos e deveres relativos à união conjugal são representados igualmente pelo homem e a mulher. Além disso, alega-se ser dever do Estado: proporcionar meios científicos e educacionais para o exercício dos direitos envolvidos nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável; favorecer assistência à família na pessoa de cada um dos que



a integram, promovendo modos de coibir a violência no domínio de suas relações.

Apesar disso, o Ministério da Saúde só inseriu a laqueadura tubária e a vasectomia no rol de procedimentos cirúrgicos do Sistema Único de Saúde (SUS) no ano de 1997, permitindo a esterilização voluntária nos termos do art. 10º da lei supramencionada.

Métodos contraceptivos no Brasil

Segundo a Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS), referente à predominância de usos de métodos contraceptivos no Brasil, realizada em 1996 pelo Ministério da Saúde e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, mostra-se que de 76,7% de mulheres em união consensual, 70,3% usam métodos contraceptivos.

Já 40% se encontram esterilizadas, 21% fazem uso da pílula anticoncepcional, 4,4% usam condom, 2,4% outros métodos, 6% recorrem à abstinência periódica e coito interrompido e 6% recorrem à esterilização masculina.

Esse estudo alega ainda que as brasileiras entre 15 e 45 anos de idade usam métodos anticoncepcionais, com destaque para a esterilização cirúrgica e a pílula.

Na mesma pesquisa, no ano de 2006, foi realizada uma comparação com a pesquisa anterior

que recai fundamentalmente no tópico da dignidade da pessoa humana.

Em vista disto, é importante questionar e analisar essas alegações jurídicas no que se refere a decisões sobre a vida das mulheres e quais os pontos de partida da figura do ser feminino perpassam nas reflexões dos juristas e políticos para tomarem tais medidas.

Isso porque a lei aqui em questão faz menção diretamente sobre a ideia de planejamento familiar, saúde reprodutiva, conjugalidades, que marcham prontamente em direção aos impactos desses temas em outros setores do cotidiano das mulheres, tais como a carreira profissional, os estereótipos que naturalizam as desigualdades de gênero, a associação da figura feminina compulsoriamente à maternidade, a responsabilização das mulheres de maneira singular para com cuidado com os filhos e o nível de escolaridade, percebe-se o quão urgente é a discussão do assunto.

Papel da família

Considerando a família como um seio de práticas políticas que recebe e reconduz influências sociais, é possível analisar o impacto ao qual essa rede de convenções move uma sociedade e seus sistemas institucionalizados, na perspectiva de captar os níveis desses comportamentos na vida das mu-



É importante questionar e analisar essas alegações jurídicas no que se refere a decisões sobre a vida das mulheres e quais os pontos de partida da figura do ser feminino perpassam nas reflexões dos juristas e políticos

que aponta o nível de escolaridade como um fator mais decisivo do que a classe econômica das mulheres. Dessa forma, concluiu-se que a laqueadura tubária foi o método mais utilizado, respondendo por 65% da anticoncepção no grupo de mulheres sem instrução, em contraste com os 25% no grupo das que possuem oito ou mais anos de estudo.

Assim, entende-se que o Estado de Direito interfere diretamente na autonomia da pessoa de dispor sobre o próprio corpo e sua identidade, sendo esta premissa significativa quando o assunto se relaciona à democracia e o alcance da justiça, o

lheres.

A cientista política Flávia Birole afirma, em seu livro “Feminismo e Política”, que “A necessária interface entre o caráter de intimidade e a singularidade dos laços famílias e seu caráter político e institucionalmente talhado faz da família um tema complexo”.

Conforme a lei, planejamento familiar é uma atividade de regularização da fecundidade que existe para assegurar direitos da Constituição Federal de 88, além de limitar ou aumentar a prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal, sendo este

um direito de todo cidadão, segundo o artigo 1º da lei federal nº 9.263/96.

Atualmente, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhece que a união estável homoafetiva, no ordenamento jurídico, possui os mesmos direitos respectivos às relações heteroafetivas estáveis, classificando-a, também, como entidade familiar.

A questão deste ponto é afirmar que a decisão sobre o próprio corpo, nesse caso, não diz respeito a uma decisão “familiar”, ou seja, é de âmbito individual da mulher optar ou não por fazer a cirurgia de laqueadura como método contraceptivo, e ter todas as garantias legais para isso.

seu marido pensou em desistir, mas, no fim, Marcela pôde contar com seu apoio.

Mesmo assim, ela - que já é mãe - afirma que de modo geral houve respeito e muito diálogo até a realização do procedimento.

O seu desejo em optar pela laqueadura partiu, também, da sua condição enquanto acadêmica. A estudante conta que já está há oito anos na graduação, num curso que deveria durar apenas cinco. O motivo se dá pela dificuldade de conciliar a assistência dada às filhas e o trabalho com seus estudos.

Ela completa:

“Eu quis fazer a laqueadura como um meio de contraceptivo, porque nunca me dei bem com



O casamento, em muitos dos casos, se demonstra como sendo um meio de manutenção das violências contra as mulheres e da sobrecarga de trabalho feminino nessas relações

O artigo 3º, parágrafo único da lei, diz que o SUS, em todas suas competências, tem determinação obrigatória para garantir ao casal as ações do programa de atenção integral à saúde, incluindo o assessoramento à concepção e contracepção.

Ou seja, é requisito do planejamento familiar as atividades e/ou políticas públicas referentes a ações educativas que efetivem o alcance paritário a “informações, meios, métodos e técnicas disponíveis para a regulação da fecundidade” (art. 4º). Sendo responsabilidade do SUS o auxílio à saúde reprodutiva, tendo que capacitar pessoas da área da saúde junto do levantamento dos recursos humanos.

A lei ainda completa este item com seu artigo 5º, explicando que a realização dos trabalhos alusivos aos esclarecimentos e técnicas científicas do procedimento cirúrgico de esterilização voluntária são deveres do Estado brasileiro.

Na prática

Marcela Feitosa Luciano Gomes (28), casada, escrituária de cartório e estudante do Direito na Universidade Regional do Cariri (Urca), realizou a cirurgia de laqueadura aos 27 anos.

Segundo ela, a decisão se deu por uma questão de “planejamento familiar”. Durante o processo,

anticoncepcional, passava muito mal, acreditando que fosse o meio mais eficiente. Anteriormente, eu também coloquei um DIU de plástico, tipo Mirena. Aí tive um problema, ele migrou e sumiu no meu organismo. Fiz vários tipos de exames; ressonâncias magnéticas, raios-x e esse DIU não era encontrado, porque não era lumo-reflexivo. Então eu decidi fazer a laqueadura junto de outra cirurgia e, graças a Deus, um médico muito experiente, quando fez a incisão para realizar a laqueadura, encontrou o DIU que estava enrolado ao meu intestino. Ele afirmou que caso demorasse mais, eu poderia ter tido um sério problema, como infecções graves ou lacerações no intestino, por exemplo”.

Marcela analisa que houve um apoio por parte da médica que iniciou os procedimentos iniciais de avaliação ser uma mulher e também ter o interesse de fazer o procedimento por motivos similares ao dela. Pois, segunda Marcela, ainda existem médicos que tentam impedir a laqueadura com opiniões morais, alegando que a mulher pode se arrepender.

“Sobre a legislação que se coloca na lei que o marido deve dar um documento de que está de acordo com o procedimento, eu fiz a anuência, preenchi um longo formulário que o meu plano de saúde me forneceu, reconhecendo firma com data de 60 dias antes do procedimento, realizei toda a burocracia necessária. Minha experiência aqui em

casa foi tudo em comum acordo, ele pensou em fazer vasectomia, mas ficava adiando, então pensando numa gravidez e as consequências dela, que são muito mais pesadas pra mim que sou mulher, eu decidi fazer, pois não queria de forma alguma engravidar de novo. Não vejo a necessidade desse pedido de anuência nas relações conjugais, já que é algo de decisão individual. Acho a minha maternidade algo maravilhoso, mas penso também nas mulheres que têm filhos de forma indesejada, e isso é um grande problema. Penso que todas as coisas que a gente possa fazer pra pensar e programar a respeito da maternidade da melhor forma, ou mesmo se a mulher não quiser ser mãe, é benéfico”.

É importante destacar que a dura realidade retratada na fala de Marcela está em discordância com o artigo 9º, que fala sobre a liberdade da paciente: “Para o exercício do direito ao planejamento familiar, serão oferecidos todos os métodos e técnicas de concepção e contracepção cientificamente aceitas e que não coloquem em risco a vida e a saúde das pessoas, garantida a liberdade de opção”.

Perfil de pacientes

Os indivíduos que desejam realizar a esterilização voluntária devem possuir o perfil que se restringe a homens e mulheres com plena capacidade civil, sendo estes maiores de 25 anos ou, pelo menos, com dois filhos vivos, tendo que manifestar vontade expressa em documento escrito e firmado (processo que acontece depois das explicações médicas quanto à cirurgia), e consentido pelo cônjuge com antecedência de 60 dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico.

Nesse período ainda deve ser oferecido ao sujeito motivado “acesso a serviço de regulação da fecundidade, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce.”, segundo o artigo 10º.

A “plena capacidade civil” que a lei fala se refere à capacidade de exercer os atos na vida civil, ou seja, fruir direitos e contrair obrigações. No entanto, esta se contradiz no final do seu inciso I, quando diz que o planejamento familiar visa também desencorajar a esterilização precoce. Ora, se o indivíduo adquire a capacidade, de fato, e este direito envolve decidir sobre o próprio corpo nos parâmetros da lei, o Estado não deveria intervir!

Por esse ângulo considera-se pelo filósofo Michel Foucault em “Microfísica do Poder” que “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. [...] O

corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política”.

Os institutos jurídicos tentam perceber, reproduzir e dominar a forma de vida dos sujeitos, e o fazem por meio da forma de se movimentar ao pé das ideologias sociais que estão em proximidade dominante com a manutenção da segurança de seu poder, junto do terrorismo adjunto da punição (como as restrições de liberdade, por exemplo).

Desigualdade de gênero

Uma das alegações na lei diz que “Na vigência de sociedade conjugal, a esterilização depende do consentimento expresso de ambos os cônjuges.”, a qual parece justa ou democrática, se revela, na verdade, um dispositivo que sustenta as desigualdades de gênero. Como já foi relatado nesta matéria: o casamento, em muitos dos casos, se demonstra como sendo um meio de manutenção das violências contra as mulheres e da sobrecarga de trabalho feminino nessas relações.

Essa legislação médica atua diretamente no corpo social que cria uma patologização da mulher: tornando-a propriedade do discurso medido, estatal e conjugal. Mantendo, assim, o controle sob suas decisões sobre o próprio corpo e os limites que são afoitas a ele.

Demanda

A procura pela laqueadura tem sua demanda variada conforme as realidades plurais e diferenças entre as mulheres, como o nível de escolaridade, ou seja, a informação sobre o procedimento e como realizá-lo, as questões relacionadas à raça, pensando pelas perspectivas das lutas das mulheres negras sobre seus corpos, como o enfrentamento sobre racismo, e também as temáticas referentes à classe, pois a essencialização da mulher no âmbito doméstico acarreta uma divisão do trabalho, já que muitas mulheres optam por empregos com menor carga horária e remuneração e mobilização social, por conta da dupla jornada de trabalho, no âmbito privado e público.

A professora Guacira Lopes Louro afirma, em “Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer”, que ao longo da história, os indivíduos têm sido marcados, classificados, hierarquizados e definidos somente pela figuração do corpo e que isso acontece na medida em que os padrões vão sendo estabelecidos de aceitáveis ou

não dentro de um contexto cultural. Configurando, assim, seus valores ideológicos e econômicos. E essas se refletem como discutido no trabalho, como marcas de poder.

O problema, nesse quadro social, é que isso define o lugar de cada sujeito. O trabalho do Direito é uma das garantias de direitos e deveres de todos que obedecem à hierarquia das normas, baseados na Constituição Federal de 1988, a qual, vale lem-

brar, deve estar de acordo aos Direitos Humanos, especificamente aos Direitos Fundamentais da Pessoa Humana.

Com isso, é necessária a revisão do corpo jurídico brasileiro no sentido de efetivar os princípios sociais que asseguram a democracia, a liberdade e o bem-estar de todos defronte o ordenamento civil. ✨

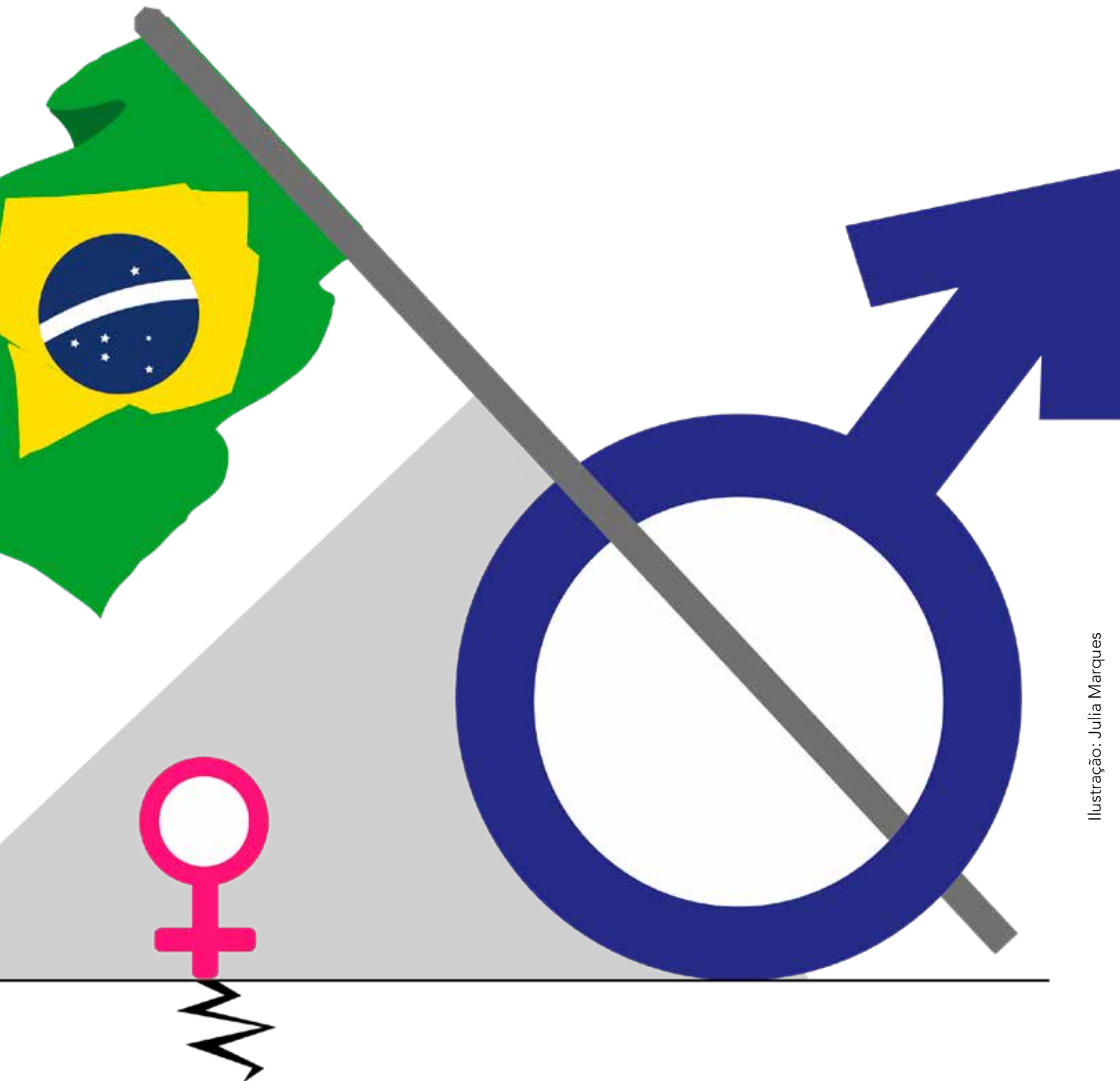


Ilustração: Julia Marques

Muitas e diversas

Mulheres na história da poesia de cordel

Há quem diga que são “poucas” as mulheres poetas de cordel. É nisso que queremos que acreditemos, enquanto fazem de tudo para nos apagar, para borrar a importância das autoras na história do cordel. Nos excluem de festivais, de antologias, e estudos, sobrando para as mulheres uma cota que reforça a ideia de “raridade” ou de “minoría”, acompanhada do discurso da “necessidade de mulheres embelezando o ambiente masculino do cordel”. Mas não aceitamos essa imposição.

TEXTO | Gisa Carvalho





A professora e cordelista Fanka Santos, inquieta com essa conversa de que há poucas mulheres poetas, realizou, durante sua pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Poitiers, da França, um levantamento sobre mulheres autoras de cordéis. Ela catalogou mais de 300 mulheres cordelistas, a partir dos títulos encontrados. Fora as que não tiveram um registro documental que pudesse ser acessado, como é o caso das poetas cantadoras. Ainda assim, 66 constam no trabalho.

O que aponta para uma situação alarmante, ainda que não necessariamente estranha: nós, mulheres, não constatamos na historiografia porque os escritores (em sua maioria, homens) tentaram nos apagar. Mas eles não estão conseguindo. São muitas as mulheres que estão organizadas para fazerem ver suas produções, como é o caso das que integram a Rede Mnemosine, organizada pela poeta Josy Maria. Como consequência dessa organização, a Rede mantém, em Portugal, o acervo Altino Alagoano - pseudônimo de Maria Batista Neves Pimentel -, de cordéis escritos por mulheres, que atualmente abriga 300 títulos em sua sede.

Nesse movimento de resistência, de mulheres que não se calam, cujas vozes e traços escrevem a história do cordel, está Salete Maria, poeta, advo-

gada e professora de Direito da Universidade Federal da Bahia. Em março de 2019, Salete comemorou 25 anos de “cordelírio feminista e libertário”, como ela chama sua produção. A poeta considera que existe uma espécie de “fetiche” destinado a quem produz e a quem aprecia o cordel, que engessa a produção classificando-a como “popular”. Essa visão romantizada não aceita bem sua formação e as temáticas que ela aborda. Muitos poetas a acusam de “trair a tradição”. “Essa cobrança por uma “pureza” era e é feita por gente que estuda literatura de cordel e acha que os “clássicos” ainda são “a definição” de cordel”, completa.

Salete fala das expressões de machismo identificadas no cotidiano da poesia de cordel, quando menciona coleções e antologias poéticas em que homens pesquisadores comentam obras de poetas homens. Quanto a isso, ela não fica quieta e descreve seu cordel: “Afetivamente falando, é minha forma de expressar sentimentos, de atuar politicamente, de compartilhar história, de ampliar e disseminar vozes, sobretudo subalternas e dissidentes”.

Essa produção causa incômodo porque, segundo a poeta, “Ter homens como protagonistas das histórias e homens narrando essas histórias é a re-

Jarid Arraes, poeta juazeirense, é autora de mais de 60 cordéis.



Foto: Dani Costa Russo

gra, quando entra em cena uma escritora, cordelista que narra outras histórias e onde as mulheres são protagonistas, têm agência e em cujos conteúdos se denuncia injustiças e desigualdades, além de violências, demora um pouco para que a galera entenda e aceite”.

É essa a experiência compartilhada pela também poeta juazeirense Jarid Arraes. Autora de mais de 60 folhetos de temáticas feministas e questionadoras de práticas racistas, dos livros “As Lendas de Dandara”, “Um Buraco com meu Nome” e “Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis”, tendo este último chegado à marca de 15 mil exemplares vendidos em 2019. O livro das Heroínas também chegou a ser recusado por editores homens que consideraram que esse tema de mulheres negras protagonistas não seria interessante... Depois de publicado pela editora Pólen, o livro se tornou um bestseller e foi considerado como um dos melhores livros de 2017 pelo jornal El País Brasil e pela revista Suplemento Pernambuco. E em 2019, Jarid lança um livro de contos ambientados no Cariri: “Redemoinho em dia quente”.

Jarid conta que sua produção é um reflexo da falta que ela mesma identifica de histórias de mulheres negras como protagonistas, da dificuldade de acesso a informações sobre essas mulheres, diante de uma historiografia machista, branca e eurocêntrica. “No entanto, nunca fui convidada para um evento de cordel com curadoria por homens que fazem sempre as curadorias. Nunca fui citada ou reconhecida. É como se eu não existisse”, ela comenta. É como se, mais uma vez, para negar os próprios erros, os homens – esses editores e curadores, que costumam ser os mesmos – permanecessem negando a importância do trabalho das mulheres e seu impacto transformador social, cultural e político. É nos trabalhos das mulheres que o cordel vem pulsando.

Com outras produções de cunho existencialista, Jarid ainda tem muito o que escrever e publicar, para a tristeza desses homens que precisarão de muito mais do que se fazer de desentendidos. “Tenho consciência de que deve ser difícil engolir uma cordelista jovem que vem cheia de críticas ao mundo do cordel, apontando machismos, racismos, homofobias, questionando a criatividade de quem escreve sempre as mesmas histórias, e ainda por cima ter a elevação de espírito de incluir essa jovem. De certa forma, compreendo. Mas enquanto eles fazem de conta que não existo para o mundo



Com o cordel, a advogada Salete Maria expressa sentimentos e atua politicamente, buscando ampliar vozes subalternas.

deles, eu existo em outros mundos”, avalia a poeta.

Uma proposta exaustiva de preservação estática do cordel é que gera o risco de levá-lo ao fim. Tornar o cordel anacrônico retira seu valor de uso social e ele não teria mais motivo para existir. E é pelos caminhos das discussões de gênero no cordel que eu vejo uma possibilidade de fratura mais evidente: essa que os poetas tradicionalistas e os que se pregam progressistas tentam apagar, mas que tantas mulheres subvertem e escrevem. É a produção dessas mulheres que vêm questionando e oferecendo condições de continuidade pela dimensão política de resistência que configura o cordel. ♀



Mulheres e cerveja

Liberdade sobre a mesa

As mulheres têm forte participação na história da cerveja. No início, a cerveja era produzida por mulheres em casa, onde elas cultivavam os diversos adjuntos para a produção. Durante a Idade Média, muitas eram mortas por “praticarem bruxaria”, quando, na verdade, eram produtoras de cerveja. A imagem construída da bruxa – vassoura, caldeirão, chapéu pontudo e gatos pretos – são apenas parte de como acontecia a produção e comercialização da cerveja naquela época.

TEXTO | Natália Alves e Laura Brasil



Até hoje, ser mulher e tentar se inserir em locais que originalmente eram feitos por e para homens não é fácil. Muitas vezes, esses locais já foram ocupados por mulheres, como é o caso da cervejaria, mas, ao longo da história, fomos invisibilizadas pelo machismo que ainda perdura. A gente luta, sofre e vai em frente, até conseguir algum reconhecimento de que podemos estar onde nós quisermos. Kylvia Cordeiro (27), engenheira química e sommelière de cervejas, é uma das muitas que lutam para fazer aquilo que gosta, mesmo que duvidem da sua capacidade.

Há quatro anos Kylvia é sommelière de cervejas, profissão que cresce a cada dia, buscada principalmente por pessoas que querem tornar mais acessível o conhecimento sobre o mundo da cervejaria. Sendo uma profissão originalmente dominada por homens, as mulheres que buscam se especializar na área ainda sofrem com o machismo, e necessitam lutar todos os dias para conseguir seu espaço.

Ainda quando cursava Engenharia Química, na Universidade Federal de Campina Grande, Kylvia via seus colegas buscando seus rumos e percebia que não era aquilo que ela esperava para seu futuro. “Na época, eu fazia pós-graduação e muitos dos meus amigos queriam seguir na área da programação, mas eu não me sentia atraída por aquilo. Um dia, um professor perguntou para a turma: ‘Se vocês tivessem um milhão de reais hoje, em que vocês investiriam?’, e eu não sabia como responder àquela pergunta, mas foi aí que eu percebi que gostaria de empreender”, conta.

Foi na vontade de empreender que ela conheceu sua paixão por cervejas artesanais, vendo nisso

E Tem muita gente que pratica um discurso machista, perguntando sobre o que eu faço, e depois diz ‘Ah, mas não podia ser outra coisa? Acho feio mulher que fala sobre cerveja, mulher que bebe cerveja

uma oportunidade para conseguir se especializar e alcançar seus objetivos no ramo da cervejaria. Para se capacitar, ela estudou na Escola Superior de Cerveja e Malte, em Blumenau (SC), e o conhecimento adquirido a ajudou na criação de seu próprio curso, denominado “Rise Beer”. Uma verdadeira imersão na cultura cervejeira, como a engenheira classifica, e que tem o objetivo de democratizar o conhecimento sobre o universo cervejeiro.

Machismo

Apesar da sua garra e força de vontade, os desafios para conseguir seu espaço como sommelière foram muitos. “O meu primeiro curso cervejeiro foi bastante caro, principalmente para uma estudante universitária. Outra dificuldade é como as pessoas vêem a mulher no ramo cervejeiro, onde a competência e a capacitação por si só parecem não servir. A falta de músculos é mais interessante de ser colocado

Registro do primeiro encontro da Confraria Ladies Beer, que reuniu 33 mulheres em Juazeiro.



Foto: Márcio Feitosa/Clique Comunicação

em questão do que a responsabilidade e o profissionalismo”, relata.

Trabalhando em uma área originalmente dominada pelo gênero masculino, Kylvia conta que sua capacidade de exercer um bom trabalho é diariamente colocada em questão, mas que sempre tenta se colocar em um patamar acima de todo tipo de preconceito. O machismo disfarçado de elogio é uma das coisas que ela mais lida em seu dia a dia.

“Tem muita gente que pratica um discurso machista, perguntando sobre o que eu faço, e depois diz ‘Ah, mas não podia ser outra coisa? Acho feio mulher que fala sobre cerveja, mulher que bebe cerveja’. Uma vez, um cara falou que eu deveria treinar um homem para colocar no meu canal do Youtube, dizendo que eu sabia muito sobre cerveja mas tinha uma imagem muito delicada. É muito difícil, mas eu aprendi a lidar com isso ao longo do tempo, é algo que me deixa irritada, mas não a ponto de me desanimar”.

Um dos seus objetivos é fazer com que sua profissão seja ainda mais ocupada por mulheres. Em seus cursos de capacitação cervejeira, por exemplo, é comum ver um grande número de público feminino, o que lhe dá mais força para seguir. Além disso, Kylvia quer mostrar que para ser sommelière é preciso bem mais que apenas músculos.

“Um discurso preconceituoso e machista cai por terra quando, em cinco minutos de conversa, eu consigo mostrar para um homem que se ele não tiver estudado tanto quanto eu, ele pode ser um homem de dois metros de altura, mas não vai saber mais que eu sobre cerveja. E ele tem que aceitar isso, não se sentir menos homem”.

Mulheres e cervejaria

Dentro do ramo de estudos e comercialização de cervejas artesanais, Kylvia conhece muitas mulheres que trabalham e querem se especializar ainda mais na produção de cervejas. Em sua turma de sommelière havia mais mulheres do que homens e, segundo ela, muitas relatavam que sofrem com o machismo na profissão. “A maioria das mulheres que conheço tem a mesma reação que eu, no caso de lidar com o machismo: respondendo da melhor forma, impondo o respeito que merecemos”.

Atualmente, mulheres estão preenchendo um grande espaço no mercado cervejeiro, mas a luta pelo respeito e reconhecimento está só começando. Kylvia fala que é preciso trabalhar diariamente para que mulheres percebam que a cervejaria também é um local para elas, caso tenham interesse, e que ninguém poderá dizer o contrário.

Por muito tempo, comerciais de cerveja objetificaram o corpo feminino, lhes colocando sempre em posição de submissão e serventia aos homens. Algu-



mas propagandas mostravam mulheres com roupas curtas – muitas vezes de biquínis – servindo o público masculino em bares, enquanto eles sexualizavam seus corpos e ao mesmo tempo promoviam a marca da bebida. A sommelière fala que apesar das mudanças ocorridas nos últimos tempos, ainda há muito o que se batalhar para que a mulher possa ser enxergada como mais que apenas um objeto de desejo.

Confraria Ladies Beer

Kylvia não está sozinha nessa jornada. O apreço por cerveja e o desejo de lutar contra o machismo neste meio conectou-lhe a Huanda Gécica e Mabel Maia. Juntas, as três criaram a Ladies Beer, primeira confraria cervejeira feminina do Cariri cearense,

apontadas de que estaríamos esperando alguma coisa. Apesar disso, minha história com a cerveja vem sempre acompanhada de boas amizades, boas trocas, de conversas interessantes. Nesses encontros, a gente acaba falando sempre em política, música, filmes. É isso o ambiente cervejeiro, a gente sempre ganha, sempre dá algo, isso é muito rico”, afirma.

Apesar de criada recentemente - em agosto de 2019 -, a Ladies Beer já se estabeleceu como um espaço onde suas participantes podem se sentir à vontade para beber, socializar e falar sobre qualquer assunto. É o que relata a autônoma Nathalia Bastos:

— Falamos sobre o que queremos fazer, com o que queremos trabalhar, quais são os nossos anseios, as dificuldades. Eu ouvi de uma participante que no



Foto: Márcio Feitosa/Clique Comunicação

Kylvia, Mabel e Huanda, idealizadoras da primeira confraria de cerveja inteiramente feminina.

um espaço para reunir mulheres que adoram beber e conhecer novas cervejas e partilhar opiniões sobre diversos assuntos.

Com o lema “Não é sempre sobre cerveja, mas é sempre com cerveja”, as idealizadoras organizaram o primeiro encontro do grupo através das redes sociais, convocando e explicando o intuito da confraria às mulheres interessadas. “Criamos um grupo no WhatsApp com vários estilos de mulheres, de várias classes sociais e identidades de gênero, e elas se abraçaram de uma forma que me surpreendeu bastante. Eu não esperava tanta mulher. Esperava que tivessem ainda muito receio de vir”, afirma Huanda, sobre o evento que reuniu 33 mulheres.

A advogada de 28 anos conta ainda que sua relação com a cerveja é antiga e, desde cedo, ela percebia os “olhos tortos” destinados à sua mesa, geralmente composta apenas por mulheres. “Não dava para sair só entre mulheres para beber cerveja sem sermos

próximo evento da Confraria ela virá solteira, isso porque os homens, que deveriam ser parceiros, acabam ficando chateados, diminuídos, porque estamos aqui. Mas estar aqui é sensacional, porque mostra que nós também podemos falar e fazer o que queremos e, claro, beber cerveja. ♀





Pró-reitoria de Cultura
Pró-reitoria de Extensão